

Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Ano 5 - Nº16 - Ago/Set/Out. 2013



Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) – Ano 5 – Nº16 – Ago. Set. e Out. de 2013

ISSN: 2238-930X



www.revistablecaute.com.br



www.facebook.com/revistaBlecaute



revistablecaute@gmail.com



[@revistablecaute](https://twitter.com/revistablecaute)

Copyright © 2013, Núcleo Literário Blecaute • All Rights Reserved.

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição de Blecaute: uma revista de literatura e artes; Os textos ou fragmentos de textos, quando reproduzidos, devem ter suas referências (autoria e lugar de origem da obra) devidamente citadas, conforme preconiza a legislação vigente no Brasil acerca dos direitos autorais (Lei 9.610/98); As opiniões emitidas nos textos são de responsabilidade exclusiva dos autores, sendo estes últimos responsáveis pela revisão e conteúdo de suas produções; É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

Periodicidade: Trimestral

CAPA: sem título, 2012

Will Simões

Técnica: Acrílica, giz de cera sobre cartão

Dimensões: 30cm x 40cm

Editores:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

brunogaudencioescritor@gmail.com / @BrunoGaudencio

Janailson Macêdo Luiz

janailsonmacedo@hotmail.com / @jan_macedo

João Matias de Oliveira Neto

j.matias@msn.com / @j_matias

Flaw Mendes (Editor Visual)

flawmendes@gmail.com / @flawmendes

800

R454 Blecaute: uma revista de Literatura e Artes, ano. 5, n. 16
(Ago, Set e Out. de 2013) – Campina Grande, 2013.
p.: 74, il. color.

ISSN: 2238-930X

Editores: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Flaudemir S. S. Mendes,
Janailson Macêdo Luiz, João Matias de Oliveira Neto.

1. Literatura. 2. Literatura – Ensaios. 3. Literatura - Contos. 4. Literatura –
Poemas. I. Título.

21. ed. CDD

Índice

- 05| **Editorial:** 5 Anos Blecaute
- 06| **Conto:** Um Incerto Major Jacobino – Marília Arnaud (PB)
- 10| **Poemas:** Poesia versus Prosa e outros poemas – Marcelo Sandmann (PR)
- 14| **O Santo Ofício:** o Verniz dos Mestres – Franklin Jorge (RN)
- 16| **Poemas:** Gabriel e outros poemas – Eunice Arruda (SP)
- 19| **Tiradas do Baú:** Raoni Xavier (PB)
- 20| **Conto:** Divertimento – Alessandro Garcia (RS)
- 27| **Poemas:** Sob o Amor – Antônio Mariano (PB)
- 37| **Ensaio:** Os Cios do Som e os sons em Hercília Fernandes –
Carlos Eduardo Marcos Bonfá (SP)
- 43| **Poesia Imaginada:** Barulho escuro - Flaw Mendes (PB)
- 44| **Ofício Literário:** ... E Deus criou o Decálogo – Reynaldo Bessa (SP-RN)
- 48| **Poemas:** 7 de Setembro e outros poemas – Ana Maria Orleans (SP-PE)
- 52| **Minicontos:** A sede dos bem-te-vis e outros minicontos –
Rinaldo de Fernandes (PB-MA)
- 57| **O Aeropago:** Al outro lado do Rio – Valdênio Freitas (PB)
- 60| **Resenha:** A Poética do desassossego e do insubmisso
(Melhores Poemas de Álvaro Alvares de Faria) – Ronaldo Cagiano (SP-MG)
- 63| **Resenha:** Uma imagem da História Intelectual de Lima Barreto
(Lima Barreto: Uma autobiografia literária, organização de Antônio Arnoni Prado) – Joachim de Melo Azevedo Neto (PB)
- 66| **Conto:** Agosto – Ana Maria Vasconcelos (RJ-AL)
- 68| **Poemas:** Suave é tua pele e outros poemas - Wellington Pereira (PB)
- 72| **Artista da capa:** Will Simões (PB)





2013

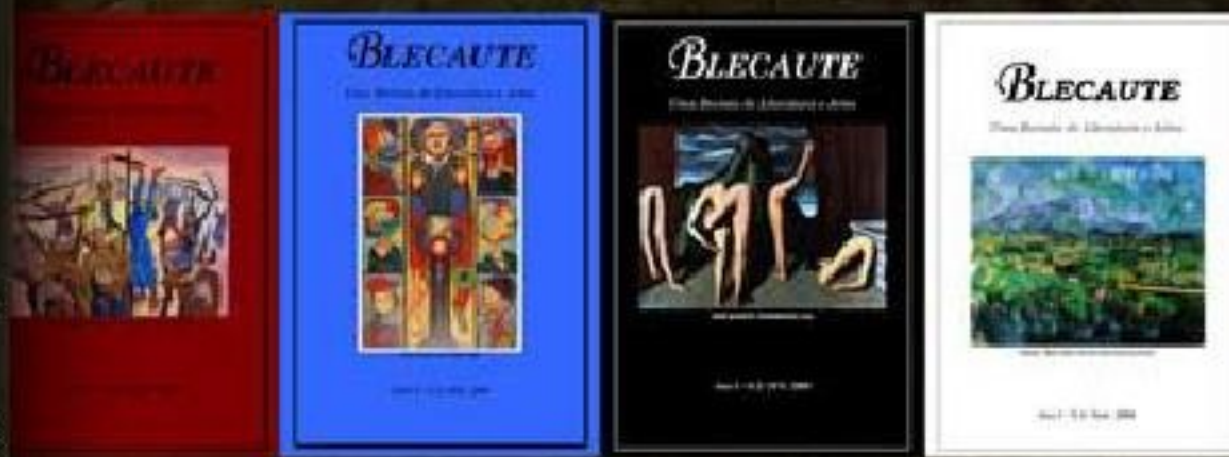


2012



2011

2010



2009

2008

UM INCERTO MAJOR JACOBINA

Por Marília Arnaud

Naquela manhã de sábado, ao entrar pelos fundos para guardar a bicicleta no quartinho, estaquei à porta da cozinha, alarmado e curioso com a movimentação em casa. Tia Madrinha tentava consolar Mamãe de alguma aflição, e ela, entre um soluço e outro, murmurava, não, não pode ser possível, o Major Jacobina, não, e Dona Felícia martelava, que a notícia estava bem ali, estampada na primeira página do jornal, com fotografia e tudo mais, inclusive depoimentos de várias pessoas, que lesse, conferisse, e se acalmasse, afinal, não havia o que fazer, o ser humano era bicho de natureza escura e deslizante, pedra limosa em águas profundas, onde existia o sopro de uma alma, existiam dois ou três, quem sabe, mais. Em cada homem, minha querida, sentenciava Dona Felícia com voz consternada, há muitos homens.

Uma enorme pedra de gelo tomou o lugar do meu coração. O Major Jacobina era o melhor homem que eu conhecera, o mais gentil e generoso. E embora fosse de poucas palavras, todos em nossa rua gostavam dele, inclusive Mamãe, que vivia lhe pedindo favores, certamente porque em casa lhe faltava um marido, e comigo não podia contar, pelo menos para certos serviços, ainda não. Um dia, quando eu crescesse e me tornasse um homem, gostaria de parecer com ele, assim, sábio e valente, sem ser esnobe, firme e respeitado, sem que fosse temido. De verdade, eu desejava que o meu pai fosse o Major Jacobina, porque aquele do retrato amarelado que eu encontrara nas coisas bem guardadas de Mamãe não valia. Um branquelo bigodudo de pescoço fino, que a abandonara quando ela lhe contara de mim, que eu estava a caminho. Mulher, filhos, família, essas coisas definitivamente não interessavam ao meu pai. Foi a filha de Dona Felícia quem me contou sobre o tal, porque, por Mamãe, não iria ficar sabendo nunca. Perguntar, eu não perguntava, que para isso me faltava coragem. Cada vez que, estando juntos, alguém pronunciava a palavra proibida, ela abaixava a cabeça e os olhos, num embaraço de dar dó. Imagine se eu iria contrariá-la com aquele assunto de pai desaparecido.

Então o Major Jacobina veio morar em nossa rua, quase em frente à nossa casa e, aos poucos, foi nos seduzindo com a sua atenção e bom humor, tanto, que o bigodudo e a sua ausência em nossas vidas, na minha e na de Mamãe, acabaram desbotados, esquecidos, por assim dizer, em algum fundo de gaveta dos nossos corações. Não sabia quantos anos tinha o Major. Talvez fosse velho, pois seus cabelos embranqueciam todo dia mais um pouco, mas, ao mesmo tempo, parecia mais jovem do que outros homens que eu conhecia, porque se vestia com elegância e estava sempre cheirando à lavanda Yardley, pronto para ir a uma festa, e andava bem aprumado, com passos seguros e um ar de eterno contentamento, que eu não costumava enxergar em pessoas de idade. Mamãe costumava dizer, o senhor é um homem bom, Major, não só para agradecer os favores que ele lhe prestava, mas porque pensava isso mesmo, e ele sacudia a cabeça de um lado para o outro, sorrindo e negando, embaraçado com o elogio, e escondia os olhos, resmungando um ora, ora!, que eu não sabia exatamente o que significava. Acabado o

serviço, costumava aceitar uma xícara grande de café com leite e uns sequilhos de araruta que Mamãe preparava especialmente para ele. Ao Major Jacobina, ela dizia, nunca faltam apetite nem disposição para trabalhar. Sentávamos à mesa, eu e o Major, enquanto ela permanecia em pé, observando-nos em silêncio, esperando a aprovação dele, que sempre vinha com um hum prolongado de satisfação.

Encanador, eletricista, pedreiro, carregador, consertador de objetos desmantelados. Para tudo e em qualquer coisa, o Major sempre dava um jeito. E ainda entendia de doenças. As pessoas da nossa rua sentiam uma dorzinha e já mandavam chamar o Major Jacobina. Reumatismo, alergia, bronquite, faringite e outros “ites” mais, ele diagnosticava com um toque aqui, uma pergunta ali. Só não se atrevia a receitar. Era chá disso, chá daquilo, que de chá ele entendia muitíssimo. E quase sempre os doentes se recuperavam. Somente quando a coisa era grave, é que mandava procurar um médico.

Tinha mulher e duas filhas casadas, uma delas morando em outra cidade. Ele nunca mencionava o nome de nenhuma das duas, nem nenhuma delas costumava visitá-lo. Uma vez, Mamãe perguntou-lhe se tinha netos e ele fez de conta que não havia escutado, como se este assunto o constrangesse. A mulher do Major se chamava Nélide e parecia uma pessoa do bem, assim, lá no canto dela, só se mostrando para ir à feira ou à missa, cumprimentando-nos com um repuxado nos lábios, que para alguns poderia ser um sorriso. Mamãe achava que aquele sorriso não estava à altura da condição de mulher do Major Jacobina. Para mim, também, faltavam dentes e covas no sorriso de Dona Nélide, e faltavam outras coisas mais, que eu não conseguia determinar. Sorriso tinha que ser declarado, de cara inteira, como o de Mamãe, quando me tirava da cama para ir à escola, também quando eu voltava de lá, ou em época de festa, principalmente em final de ano, tempo de muitas encomendas de costura e bordado.

Às vezes, ia até a casa do Major e, nessas horas, eu me sentia muito feliz e importante, porque garoto nenhum da rua podia se gabar de ter sido convidado uma vez sequer a visitá-lo. Mamãe costumava dizer que a nossa amizade era rara, porque tínhamos muitas diferenças, a começar pela idade, mas que não causava estranheza, porque o Major, apesar de reservado, era prestativo e envolvente, capaz de inspirar confiança em qualquer pessoa do mundo. Um espírito nobre. Por que o Major gostava de mim, eu não sabia dizer, não. O que eu sabia mesmo é que era um perguntador insistente e que isso costumava aborrecer os adultos, sendo, o Major, o único que nunca me deixava sem respostas, e que ainda ria da minha curiosidade.

Enquanto meus amigos se reuniam no campinho para jogar futebol, brincar de barra-bandeira ou apostar no “bafo” as figurinhas mais cobiçadas, eu fazia companhia ao Major Jacobina em seu quarto-escritório. Fotografias emolduradas se espalhavam pelas paredes, e para cada uma delas o Major tinha uma história que, entre uma baforada e outra de charuto, contava com riqueza de detalhes. Como ele mesmo dizia, episódios de uma vida dedicada ao cumprimento do seu dever, que era a defesa de nossa pátria. No início da carreira militar, o Major não tinha dinheiro nem para comprar a farda, e lá estavam, na foto descorada, os amigos que

tinham se cotizado para comprá-la. Ali, a mãe do Major, no dia da sua nomeação como oficial, o melhor vestido e o orgulho no olhar derramado sobre o filho. Um dia, a Tia Marcolina viera de longe, da solidão assombrada do sítio onde vivia, para fazer pose abraçada ao sobrinho de futuro brilhante. Aqui, ao lado do Major, o General que um dia chegou a Presidente, quando sua patente ainda era a de coronel, magro e pálido, com nome e cara de estrangeiro, o peito colorido de medalhas. De todas aquelas fotos, a que eu achava mais bonita era a do Major Jacobina desfilando em tropa pelas ruas da cidade, em dia de parada pela comemoração de nossa independência, solene em sua farda de gala, a perna levemente erguida no passo cadenciado da marcha.

Nunca pude saber se o que aguava os olhos do Major nesses momentos eram as tais fotografias, os distintivos guardados numa caixa com tampo de vidro e forro de veludo vermelho, a coleção de armas, as lembranças de um passado de glória, ou a fumaça do seu charuto. Faltava-me coragem para lhe perguntar. Também para lhe confessar o quanto eu o estimava e admirava, e como suas histórias de caserna mexiam com o meu imaginário. Treinamentos, manobras, simulações. Disciplina, resistência, aprendizado. Um mundo mágico, de homens bravos e leais, dispostos a matar e a morrer por seu povo, por seu país. Assim como no cinema. Só que as histórias do Major eram melhores que as do cinema, mais fascinantes, mais excitantes, porque, ali, o roteiro era real. Imagens, odores, sons, tudo estava escrito em sua memória, em todos aqueles objetos, que eram o seu tesouro.

Mamãe me dissera um dia que os verdadeiros amigos são aqueles que compartilham os nossos segredos. E foi sabendo disso que decidi tornar o Major um “verdadeiro amigo”. Con-tei-lhe o que considerava o meu único segredo, a vergonha e a tristeza que eu sentia por não conhecer meu pai, e como essa tristeza e essa vergonha me perseguiram sem trégua, e cresciam quando não acontecia nada, principalmente na escuridão das noites, não me deixando pegar no sono. O Major Jacobina apenas murmurou um ora, ora!, e me deu um tapinha nas costas e foi me puxando para a cozinha, e embora não tenha me consolado com um falatório de gente grande, como eu esperava, o seu olhar era verdadeiramente o olhar de um amigo, claro de compreensão e solidariedade. Nesse dia, preparou-me uma omelete de queijo e presunto, que eu comi gemendo de prazer, esquecido do segredo e dos sentimentos que ele me provocava.

Algumas vezes levou-me a passear pela cidade em seu Ford Landau 74, o rabo-de-peixe mais lindo que eu já vira, com painel de madeira, controlador de velocidade, rádio, tocafitas, teto de vinil e bancada de couro. Não era lá assim tão novo, mas muito bem conservado. O Major dirigia com suavidade, ouvindo Benito de Paula, tão concentrado na música ou nos seus pensamentos, que era como se dormisse de olhos abertos. Ao seu lado, eu seguia em silêncio também, levemente entontecido de uma felicidade que tinha cheiro de couro e lavanda inglesa. Deitava a cabeça na janela para sentir o sol no rosto e o vento nos cabelos, e as coisas da rua iam se enchendo do meu olhar e passando, passando, uma atrás da outra, como se eu as visse por um caleidoscópio gigante, prédios, casas, letreiros, carros, árvores, praças, pessoas,

bancas de jornal... Quando eu crescesse, iria ser um homem cheio de idéias e de histórias como o Major Jacobina, e ter um carrão como o do Major Jacobina, e uma esposa como Mamãe, que o modelo de Dona Nélida não me servia, com aquele sorriso derrotado, que não combinava em nada com o Major.

Então, era isso. Denunciado e foragido. Não podia acreditar. Torturador, o Major, o meu Major? Devia haver um engano. Uma vida clandestina, uma vida que ocultava outras vidas? Devia se tratar de um outro Major, não o nosso Major Jacobina. Responsável pelo desaparecimento de pessoas. O que significava aquilo? Não, eu não queria ouvir mais uma palavra. Não, nenhuma explicação. Tudo não passava de um pavoroso mal-entendido. Acontece que o jornal estampava uma fotografia dele, sim, mais jovem e mais magro, fardado e sorridente, uma carabina cruzando-lhe o peito, de uma mão a outra, e Mamãe quis me impedir de ler, mas Tia Madrinha disse que eu já era um rapazinho, e mais cedo ou mais tarde iria ficar sabendo, melhor não me iludir, que eu ficasse ciente logo de tudo. Uma enorme pedra de gelo tomou o lugar do meu coração. Queria fechar os olhos e dormir dias e dias, até acordar e descobrir que tudo não passava de um pesadelo, o pior de todos. Queria passar o resto da vida escondido num lugar onde eu não pudesse ver ninguém, nem Mamãe, nem Tia Madrinha, nem Dona Felícia, nem o Major, nunca mais.

Voltei para a rua, desta vez, a pé, e andei durante muito tempo com uma coisa ruim embolando em minha barriga e bloqueando minha respiração. Transpirava de tanto calor e tremia de um frio esquisito, uma sensação parecida com aquela quando andei de roda-gigante a primeira vez. Passei pela casa toda fechada do Major, e atravessei o campinho, e fui adiante, e descí o barranco, passando por terrenos baldios cheios de mato, até alcançar o rio lá embaixo, deserto e manchado de sol, com aquele ruído triste vindo de suas águas, uma espécie de sussurro, um segredo que o rio contava e que as pessoas não conseguiam ouvir. Aproximei-me e vi minha imagem tremulando no espelho d'água, um medo sem nome no meu rosto de feições cambiantes. Então, lembrei-me de Dona Felícia e das palavras dirigidas a Mamãe. Seriam as pessoas imagens refletidas na água, esgarçadas, incertas, vacilantes?

Escorreguei para o chão e me deitei de bruços, afundando o rosto na terra úmida. Primeiro, vomitei. Depois, vieram as lágrimas.

DE MARCELO SANDMANN

POESIA VERSUS PROSA

para Cristovão Tezza

Um bom poema é feito
tiro de misericórdia.

O poeta não tortura seu leitor
como faz o prosador,
linhas
e dias a fio.

É pá-buf!

O corpo caído:
o pingo na testa.

APRENDI A RESPIRAR DEBAIXO D'ÁGUA

Aprendi a respirar debaixo d'água.
Meus dedos são algas
e enchem de luz o dorso da piscina.
Leio, no limo das paredes,
o recado dos que ainda vão nascer.
Há um sono de pedra no fundo
e um sonho inconcluso,
que me convida a ficar, ficar, ficar...

MORA NA FILOSOFIA? (SONETILHO #1)

sobre samba de Monsueto
na cadência de Vinicius

Convém rimar
amor e dor,
pois dor e amor
dão belo par.

Mas quem for dar,
em vez de amor,
apenas dor,
não deve amar.

O que se quer,
melhor saber
e decidir.

E então viver
com quem se quer
sem mais fingir.

TANGO

Dançamos um tango
à beira do abismo.

É vento em fogo
obandoneon.

Agora o passo
além do previsto.

Volteio ascensional.
Ao sol.

ASPIRADOR DE PÓ

para Luciana Martins

Hoje resolvi
fazer a faxina da casa.

Não por falta de asseio
(nem por falta de assunto),
que a moça que pagamos para isso
é mestra
em seu ofício.

Não sou propriamente um sedentário,
mas arrastar a
cama, le-
vantar o colchão e
insinuar
o
cano do aspirador em
cadacanti-
nho
não é para diletantes.

Tampouco esfregar a calçada,
cujas lajotas,
imprudentemente brancas,
insistem em ficar sujas.

(Na rua principal aqui do bairro,
as duas padarias fecharam
e, no lugar,
surgiram uma revendedora de celulares
e a terceira farmácia,
ou drugstore,
para ser conceitualmente preciso.)

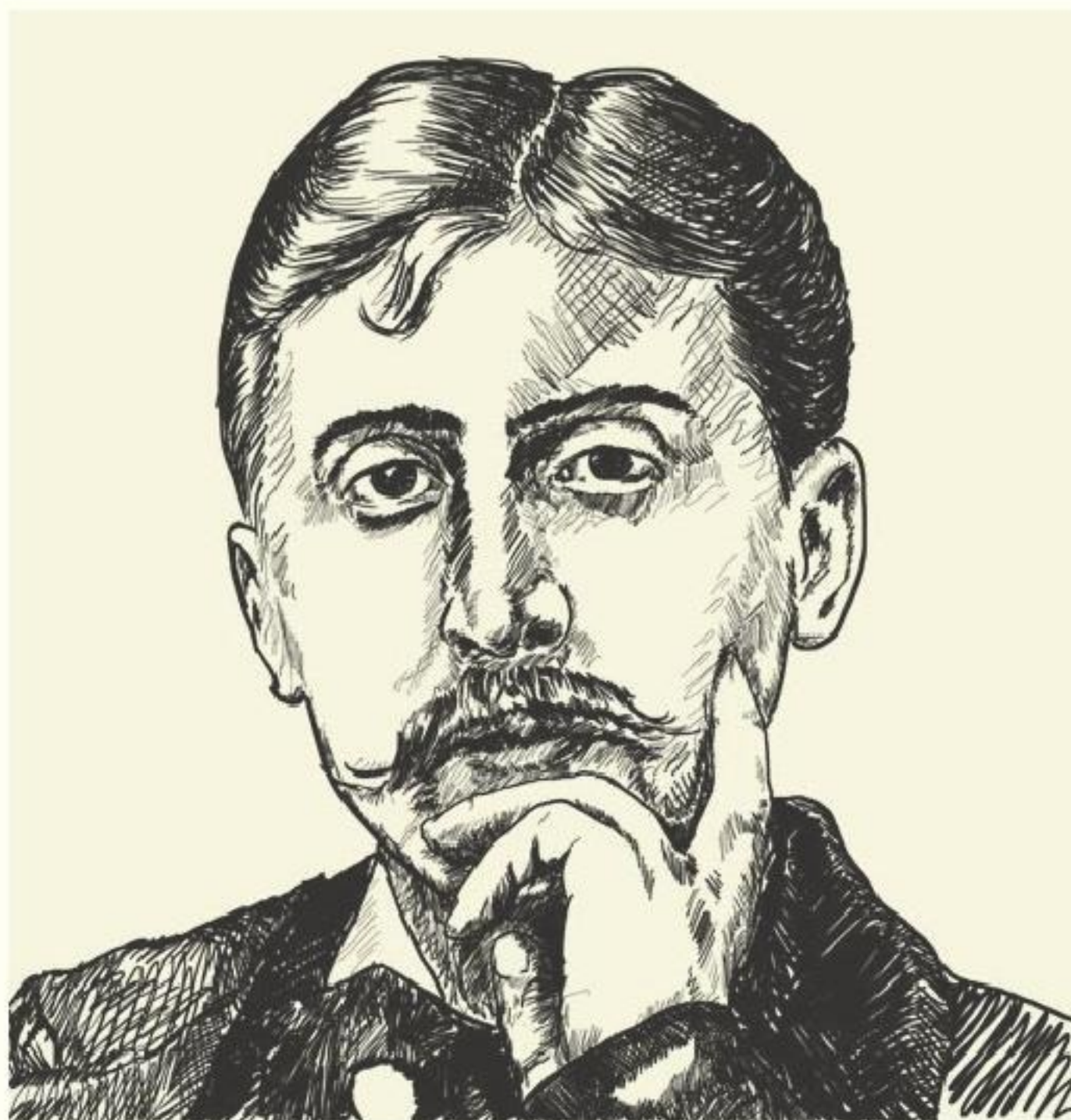
Você vai me perguntar
o que é que a estrofe acima
tem a ver
com tudo isso.

E eu vou dizer que não sei.

Não é fácil deixar o poema
bem limpinho.

O VERNIZ DOS MESTRES

Por Franklin Jorge



Escrevendo à Condessa de Noailles, em 1904, confessa Proust que, se procuramos o que faz a beleza absoluta de certas coisas, por exemplo a das “Fábulas” de La Fontaine e das comédias de Molière, vemos que não é a profundidade ou esta ou aquela outra virtude que parece eminente, mas a diversidade de recursos que levam à unidade e à superação dos obstáculos que fatalmente se interpõem entre o artista e a criação de uma obra.

E, acrescentando às complexidades do seu pensamento, faz-nos perceber que não seria uma espécie de fondu, de unidade transparente em que todas as coisas, perdendo o seu primeiro aspecto de coisas, vieram se colocar umas ao lado das outras numa espécie de ordem penetradas pela mesma luz, vistas umas nas outras, sem uma só palavra que fique de fora ou que tenha sido refratária a essa assimilação persistente, que nos faz pensar num de seus mestres, Baudelaire, que viu o artista como o verdadeiro herói, pois somente ele estaria apto a encontrar o prazer na solidão que resulta do trabalho de criação de uma obra. Suponho -- conclui Proust -- que é isto o que se chama de “o verniz dos mestres”.

Tem razão Proust, pensando assim. Dotado da visão poligonal das abelhas que enxergam tudo ao mesmo tempo, enxergou Proust ao escrever que somente as verdadeiras obras de arte possuem esse misterioso veludo que resulta desse esforço obstinado a que chamamos, algumas vezes, de técnica ou de experiência, dependendo de quem fala.

Como na escritura que se enriquece com as sucessivas reelaborações -- ditadas por uma

vontade exigente e inconformada --, na pintura as diversas camadas de cores superpostas sobre a superfície da tela, torna a matéria plástica preciosa, e lhes dá, nuns artistas o ar compacto e denso que constitui a sua assinatura; noutros, a transparência da luz obtida pelo virtuosismo através de uma paciente superposição de camadas duma tinta de tal forma diluída que cria a sensação de luminosidade, por assim dizer inefável, mesmo quando sob a forma duma mancha provocada pela intempérie ou pelas injúrias do Tempo, como naquele famoso pedaço de muro amarelo pintado por Vermeer – que o narrador de “Em Busca do Tempo Perdido” considerava a mais bela pintura do mundo.

Somente um mestre, perito no manejo de sua arte, ou seja de sua técnica, poderia criar essa magia ilusionista que resulta da persistência e da prática, da observação e da experiência, razão pela qual Rilke pôde afirmar que, para descrevermos ou pintarmos um crepúsculo, precisamos ter visto milhares deles.

Essa carta de Proust, dirigida a uma poetisa de alguma notoriedade em sua época, elucida o mistério da criação. Porém, ao contrário de Proust que sacrificou a própria vida à elaboração do seu romance-rio, por alguns considerado uma catedral de palavras, Anna de Noailles seria apenas mais uma dessas literatas mundanas e cultas, embora beneficiada por uma inegável habilidade no manejo das palavras, mas desprovidas desse verniz característico dos verdadeiros mestres; enfim, uma entre outras tantas mulheres que, da mesma forma, brilharam por um momento na constelação das letras e em seguida se apagaram e desapareceram, não subsistindo sua obra ao perecimento do próprio corpo.

Deveria ser lida e estudada [essa carta] por todo e qualquer aspirante a escritor. Através dela percebe-se, em toda a clareza, quanto a arte exige daqueles que avassala, reduzindo-os impiedosamente à solidão e ao silêncio, o que, para as almas fracas – ou não heróicas, segundo a concepção baudelairiana --, seria uma forma de estar em vida mergulhadas previamente nos vapores do inferno, para onde, segundo Dante, vão de cambulhada os charlatães.

DE EUNICE ARRUDA

GABRIEL:

Cuidando da imortalidade
um poeta esquece a
vida

Come o pão
amanhã

Cerzindo as roupas claras
se veste de luto
pela casa
pobre cuidando: um poeta

De sonhos é que é

Corrompido

um dia será lido

ENGANO

afinal
construímos prédios
casas jardins rosas
desabrocharam
trêmulas, afinal fomos
submissos às ocupações do dia
às estações do ano
à rotação da terra
Pensávamos ser esta a nossa pátria

SIM

Não ser o coração
uma ferida

Não ouvir
no ruído da chuva
presságios de um retorno
Não confundir ramagens com raiz

E saber
Tudo já foi encontrado
apenas é o que existe
São nossas verdades as estações do ano

TÃO TRANQUILA

Tão tranquila a sala
A tarde caminha lenta impune
Portas fechadas
ressoam vozes
lá fora
um telefone jamais chama

Talvez chova ainda hoje
mas agora
nenhum risco ou relâmpago
Posso dormir neste barco
há árvores à margem sombreando o rio

É tão tranquila a sala
na tarde seguindo lenta
E vibra
ardente como uma palma de mão
Aqui descanso do sim e do não

À ESTRELA

Não é hora de
brilhar

Amanhece

ESQUECI

o meu
caminho de casa

o sono úmido
útero

o nome dos sentimentos

as mãos
dadas às praças

as flores
as estações, esqueci
o rosto de minha mãe

Por Raoni Xavier



DIVERTIMENTO

Por Alessandro Garcia

O que irá parecer é que ele é só um destes sujeitos estranhos com quem sempre nos deparamos na rua e, por motivo algum além de o acharmos estranho de maneira que não sabemos explicar, temos a perfeita convicção de que é melhor não conhecê-lo a ponto de ter que incluí-lo em nosso círculo social. Haverá um traço de excessiva autoconfiança em sua voz e seu comportamento, a despeito do fato de ele mesmo se julgar estranho em demasia. Este traço provavelmente potencializa certa dificuldade geral de se estar muito tempo em sua presença – opinião corroborada, ainda que não manifestada abertamente, pelos outros sujeitos da Divisão de Esgotos do Departamento Municipal de Obras e Viação.

Suas mãos terão aquele aspecto coriáceo, por uma exposição rotineira ao sol, mas também resultado de uma pitiríase mal resolvida: o contato diário com as tubulações de cobre, ignorando a obrigatoriedade da utilização das luvas disponibilizadas pela Divisão, não ameniza o problema. Os nós dos dedos, de uma grossura simiesca, terão a aparência de uma das ferramentas que se moldam às suas mãos quando ele fecha o punho, e os dedos se confundirão com uma das chaves de flange que carrega no cinto de couro das ferramentas, com suas pontas chatas, capazes de girar uma válvula de retenção com facilidade, de empunhar joelhos de cobre ainda quentes, de agarrar como alavanca detritos gigantescos de concreto armado antes da chegada dos rapazes do Setor de Recolhimento. Seus interesses – situados em uma esfera completamente anômala à entabulação de uma conversa que interesse aos grosseiros operários da Divisão – serão de uma especificidade merecedora de figurar num dos documentários do Discovery Channel e cultuados com uma dedicação tamanha que Deus certamente preferiria ver aplicada à pintura de cabeças de alfinetes. Ele irá mostrar, sem qualquer convite formal a isto (mas entenderá um menear afirmativo de cabeça de seu colega no vestiário como um incentivo a uma conversa além de “Olá”), o eritema em sua mão esquerda, naquela região gordinha situada entre o indicador e o polegar, e não conseguirá esconder a satisfação em contar sua condição de cobaia em um experimento particular sobre a alteração no ciclo reprodutivo dos percevejos por causa da ingestão de óxido de cobre, tendo se deixado morder por um dos seis insetos que cria numa caixa de vidro com um pedaço de colchão, no quarto de hóspedes do seu apartamento. É verdade que esta informação não tardará a chegar ao ouvido dos outros colegas da Divisão, embora não seja bem certo se isto ocorrerá mesmo antes deles decidirem desconsiderá-lo, incondicionalmente, de qualquer convite para participar das rodas de pôquer nas quintas-feiras no armazém do Velho Trajano.

Quando se ouve uma história como esta, não importando qual quantidade de contexto se conheça, o que irá parecer é que ele talvez seja portador de alguma disfuncionalidade que, no entanto, não o impede de exercer com uma destreza admirável sua função diária de engate, desengate, manutenção, rebitagem, elevação e desvio das tubulações, joelhos, válvulas, cruzetas,

redutores e expansores, mesmo quatro ou cinco metros abaixo da linha da pista de rolagem, mesmo com o filtro de ar precário que não evita que os odores fétidos prendam-se à cartilagem de suas narinas, mesmo com uma iluminação parca que exige mais de reconhecimento táctil do que visual sobre a certeza de seu procedimento, num cruzamento qualquer, numa rua qualquer, numa avenida qualquer enfiado no sistema de esgoto da cidade.

O que só se saberá bem mais tarde – porque, já conhecedor das especulações sobre sua suposta disfuncionalidade, debilidade, ou seja lá quais terminologias limitantes tornou-se hábito lhe aplicar pelos corredores da Divisão – é que ele preferiu impedir de chegar ao conhecimento de qualquer um o nível de divertimento que seus interesses alcançaram.

No julgamento, o promotor usará a palavra divertimento erguendo simultaneamente os dedos indicadores e médios das duas mãos na direção do júri, formando duas garrinhas em movimento no ar, para assinalar suas aspas imaginárias – coisa que acentuará seu desdém pelo termo, já evidenciado pelo tom irônico com que pronunciará “divertimento”. Ele, no banco dos réus, desviará o olhar para a multidão que estará presente e verá aquela sua colega, uma loirinha de cabelo oxigenado do Setor de Queixas, sacudindo a cabeça em negativo e murmurando, com pouco caso, “divertimento...”.

O que irá parecer é que não há algo de lúdico no seu empreendimento: ele abandonou as experiências biológicas assim que o nível de óxido de cobre corroeu as entranhas dos percevejos, de forma que ele não pôde chegar a nenhuma conclusão satisfatória acerca da anomalia no seu ciclo reprodutivo e tudo o que conseguiu anotar no seu caderno espiralado foi: “o preto do óxido de cobre não escureceu a secreção esverdeada no colchão dos percevejos”.

A verdade é que ninguém conhecia as partes das tubulações do jeito que ele conhecia.

Aqueles que trabalhavam nos cruzamentos da Dom Pedro com a Farrapos, mesmo os que enfrentavam a complexidade do sistema de encanamento da Bento Gonçalves, eles só cumpriam os diagramas, tinham aprendido com o passar do tempo a ler as plantas com destreza e seguiam seu Ritual de Afazeres do dia sem o comprometimento que ele empregava. Ele, mesmo antes da luz do seu capacete começar a falhar, ignorava solenemente as plantas e diagramas, repondo as válvulas de bloqueio, eliminando as que julgava desnecessárias e mudando o curso de escoamento do esgoto de acordo com a intensidade e com a pressão de fluxo que identificava só deixando a mão um instante sobre o cano central. Por isso, quando retornava à superfície, mesmo quando todos os seus colegas já tinham se mandado de volta para bater o ponto às cinco horas na Divisão e ele tinha que aguardar uns quarenta minutos até que o motorista voltasse para buscá-lo, tinha nos bolsos do macacão um conjunto de válvulas, cotovelos, manômetros e redutores: fazia uma limpa na linha de esgoto, eliminando os acessórios de tubulação que algum colega preguiçoso tinha instalado por toda parte sem necessidade, só pelo conforto e para livrar-se de calcular se a pressão naquela região necessitava mesmo de outro medidor – na dúvida, é claro que aqueles que não conheciam as tubulações do jeito que ele conhecia, instalavam manômetros, termômetros e dezenas de outros componentes

desnecessários que tornavam a linha de esgoto “suja”, sem a fluidez que seu bom trabalhava trazia novamente. Era fácil encher a caçamba do caminhão com peças do Setor de Reposição e espalhar pela tubulação inteira aqueles “curativos” que prejudicavam o curso do sistema de esgoto.

O que irá parecer é que ele estava suprimindo as peças de maneira arbitrária ao sistema de tubulações, desrespeitando o Ritual de Afazeres, arrancando componentes e combinações, colecionando flanges e filtros de cobre em seus bolsos, sem levá-los de volta para o Setor de Reposição. Porque era isto, ele não os levava de volta para o Setor de Reposição. Quando a Promotoria mostrar as fotos de todas aquelas peças em seu apartamento, seu advogado tentará usar o argumento de que ele montava uma espécie de instalação de arte contemporânea, “uma obra de sensível aclamação aos condutores de nossos dejetos”, é isto o que ele dirá, um pouco antes do tribunal quase inteiro desatar em gargalhada e o juiz ser obrigado a bater aquele seu martelo pedindo ordem.

O que irá parecer é que qualquer atitude pressupõe a necessidade de uma justificativa e que o divertimento, por si só, não é um argumento forte o bastante para o que ele estava fazendo.

O que ele estava fazendo, isto desde antes de começar com a coisa, era divertimento. Uma seqüência mecânica e aprimorada do que nos primeiros anos era natural e biológico, desde que os sonhos haviam começado: sonhos molhados, enfurecidos, movimentados como vulcões, traiçoeiros como crianças escondidas atrás de sofás para dar sustos em velhas tias, cheios de ângulos obtusos, resvalos improváveis, aquecimento involuntário e sensação de vertigem. Isto foi antes. Antes de começar a domar os sonhos.

Muito antes de transformar aqueles instantes em ímpetos de apertar dedos do pé, arrepios que percorriam a coluna cervical inteira dando volta até se concentrarem na sua zona quente, chiando entre suas pernas porque era forte demais, agudo demais, intenso demais. Porque assim que ele os domou e fez daquilo seu momento único, particular, tornou-se um divertimento bom demais para ser repartido com alguém. Era o seu divertimento. Que depois se dispersou para uma bicicleta amarela de doze marchas, paga em vinte e quatro vezes e que era um continente de possibilidades, um painel prático de ciências muito mais próximo e inteligível do que velhas fórmulas rabiscadas em um quadro verde. O primeiro passo consistia em encontrar os recipientes que receberiam as centenas de esferas minúsculas que pipocavam pelo chão quando ele abria a caixa da coroa usando uma chave de fenda como alavanca, retirando de maneira meticulosa – nestas horas o magnetismo da chave de roda tinha grande valor – cada uma das compridas hastes metálicas que formavam o raio; câmaras e quadro eram deixados de lado, tal a insignificância de sua falta de complexidade. Concentrava-se direto no câmbio, que era reduzido a um amontoado repleto de cassetes, cabos e conduítes: dezenas de peças de precisão que eram desmontadas com um sentimento autêntico de conhecimento, uma segurança automática como se ele soubesse exatamente para onde estava indo, embora estivesse muito

longe e, com certeza, não soubesse no que aquilo ia dar, mas que valeria a pena, seria sublime quando realmente chegasse lá. Não importava onde fosse.

O que irá parecer, dirá seu advogado, levantando-se rapidamente em protesto e esbravejando para o promotor, é que seus atos foram premeditados. Então ele pedirá que se desconsiderem completamente os cento e oito blocos encontrados em seu quarto, todas as plantas eletrônicas de circuitos, diagramas, cadernos de anotações, folhas soltas, manuais de retentores de alta pressão, caldeiras, colagens e seus desenhos em cadernos quadriculados em escala um para vinte. Ele estará preocupado com a possibilidade dos materiais ilustrarem uma personalidade “psicótica” e pedirá que seja respeitada a privacidade dele quanto a seus “hobbies”, que nenhuma relação têm com o caso ali em julgamento. Ele mesmo irá se controlar para não rir, dando-se conta de quão infeliz é esta argumentação, talvez seu advogado não seja o profissional mais preparado do mundo para fazê-los entender o sentido de divertimento.

O tempo, tinham lhe dito, passaria cada vez mais rápido. Mas isto não era bem verdade quando estava envolvido na desmontagem e montagem do relógio d’água do pátio da casa onde vivia quando criança, distribuindo em cima de uma folha de papel tamanho A0 cada um dos elementos que ia extraíndo, alguns minúsculos, numerados em ordem seqüencial de retirada para que depois pudesse colocá-los todos de volta sem se confundir, antes que seu pai estivesse de volta. Depois, não. Arrastava-se. Talvez porque seu pai estivesse ali presente naquela oficina de cheiro ocre, com estopas recendendo a gasolina e a visão das unhas cobertas de graxa não fossem um atrativo verdadeiro, não refletiam seu ideal de divertimento para que se colocasse com disposição verdadeira na rotina de desmontar motores, curvado sobre a bancada como um joalheiro sobre seu trabalho ou um monge copiando manuscritos, e lambia com pincéis minúsculos velas de ignição, dutos de escape, bielas e balancins, entregue a uma obra que se tornara obrigatória e infinitesimal, diferente das que optava por fazer quando não havia ninguém pedindo para que desmontasse as caixas telefônicas nas ruas ou que abrisse uma das bocas de lobo para entender a direção que tomava o cano de esgoto que saía de sua casa.

O que irá parecer é que ele não extraía prazer em utilizar suas habilidades manuais para algum fim realmente prático ou que fizesse parte de algum projeto qualquer ao qual alguém dava muito mais valor do que às pequenas investigações que fazia. Se fosse assim, não teria ingressado na Divisão de Esgotos. Se fosse assim, não teria tomado para si e esquadrinhado cada um dos intrincados sistemas de escoamento dos dejetos daquela cidade imensa.

Era na Divisão de Esgotos do Departamento Municipal de Obras e Viação que você descobria, quando finalmente achava que ia se juntar com um grupo de pessoas com interesses tão intrincados e necessários de dedicação quanto os seus, que este grupo de pessoas não estava lá. Você estava, e não tardava para que a simples menção de um projeto que, para você, chamaria a atenção de todos, se transformasse em galhofa e então o julgassem um sujeito estranho demais.

É verdade que ninguém na defesa admitirá qualquer sentido prático naquilo o que ele

fizera, embora tentem afastar de sua pessoa a imagem de um sujeito estranho, algum tipo de anti-social. Os circunlóquios mais o prejudicarão, principalmente quando fizerem questão de enfatizar o detalhe de ele não ser um conhecedor de estruturas de concreto armado, portanto, ignorante em calcular a probabilidade de que sua instalação rompesse o piso. Instalação, é assim que eles chamarão. Não trambolho. É a porra de um trambolho!, gritará enfurecido alguém que assiste ao julgamento. Provavelmente o pai.

O que irá aparecer é que ele estará abdicando de sua culpa mantendo o silêncio e recolhendo-se em sua cadeira, contradizendo, com um gesto tão repleto de temor, toda a ideia pré-concebida que se pode ter de um sujeito de sua aparência. A excessiva autoconfiança em sua voz e comportamento não estará mais lá. O aspecto coriáceo de suas mãos só o tornará mais repugnante, quando um movimento involuntário, que terá mais de nervoso do que de insolente, o fizer tamborilar, com suas garras grosseiras na mureta de madeira à frente de sua cadeira. Seus nós de dedos simiescos parecerão não terem serventia alguma, mal se fechando quando tentará emprestar algo de dignidade a si mesmo, ajustando o nó da gravata cinzenta que era de seu pai e será sua escolha para aquele dia inteiro de julgamento.

O que irá aparecer, admitirá, na frente de todos, Charles Trevisan, o encarregado pelo Setor de Reposição, é que não havia qualquer tipo de controle na área pela qual é responsável, e que o sumiço sistemático de centenas de tubulações, joelhos, válvulas, cruzetas, redutores e expansores, manômetros e termômetros, era algo que passava alheio ao conhecimento de qualquer um e que alguém só começou a realmente prestar atenção na ausência de várias peças quando um tanque de mistura de polipropileno, um gigantesco cilindro com capacidade para dez mil litros de efluentes, desapareceu do setor. O que Charles Trevisan não admitirá na frente de todos são as suas constantes e vespertinas incursões ao armazém do Velho Trajano, dos copinhos seqüenciais de steinhäger, emborcando tudo aos golinhos com a mesma ansiedade com que tentava emborcar sua culpa na história toda, se houvesse se dado conta antes que fosse tarde demais; não é que fosse um apaixonado por crianças, sua mulher insistira desde sempre para que tivessem filhos e sua constante negativa foi provavelmente o motivo mais significativo para que ela resolvesse partir para o sul deixando-o sozinho com o velho gato. Ainda assim, a culpa continuará lá, latejando como uma inflamação que nenhum antibiótico põe fim: terá sua parcela de culpa pelo fato de o sujeito do resgate precisar içar com um guindaste o cilindro de polipropileno para retirar o pequeno corpo ali de baixo; como diabos aquele imbecil conseguiu retirar um tanque com capacidade de dez mil litros de dentro do setor sem que ninguém houvesse se dado conta?

O que irá aparecer é que tudo foi só uma grande estupidez: a estrutura montada na sua sala de estar. Não importará a engenhosidade toda da coisa, o fato de os canos de cobre aparentes estarem pregados com separadores que os distanciavam exatos dez centímetros da parede para que seu calor não interferisse na estrutura elétrica pré-existente. A quem isto importa? É verdade que além de Charles Trevisan, a culpa real, toda a culpa, poderia ser dividida ainda

com a senhora Clarice, embora não houvesse verdadeiramente porque ela se culpar pelo fato de ter decidido colocar o berço do bebê na sala, para ficar mais perto dele enquanto passava roupa, já que não conseguia confiar plenamente que escutaria seu choro ou se correria rápido o bastante caso ele estivesse se afogando no quarto que tinham preparado para sua chegada.

Toda a tarde resplandecia de solaridade primaveril, embora ainda desse para dizer que o calor que emanava do teto do apartamento, exatamente no ponto abaixo de onde a estrutura toda do apartamento de cima estava montada, fosse uma questão de constante preocupação. Mas nada que se comunicasse em voz alta, só como um destes comichões que vão incomodando, que no início se imagina ser uma picada de inseto para depois revelar-se como um eczema ou algo que deveria ter recebido maior atenção desde o seu princípio.

Assim.

Então, haverá a culpa. Que não suplantará o ódio pela estupidez, a gigantesca estupidez que se mostrará a ideia de construir aquela estrutura, de montar um tanque de polipropileno no meio da sala, sustentado por barras chumbadas no chão de parkê, como o grandfinale a uma teia de estruturas formada pela composição de todas as peças que foram sarrupadas dos sistema de esgoto da cidade e que deveriam estar no Setor de Reposição, que alguém do Setor de Reposição deveria ter notado antes que fosse tarde demais.

E o que não irá parecer, por mais que seu advogado se esforce, mostrando no flipchartas “provas” de que ele tinha o controle de tudo e que aquilo não passou de um lamentável acidente, é que ele tinha o controle de tudo. A folha de papel milimetrado (Item D 17) será desenrolada de maneira que todos verão o projeto de um esquema complexo de encanamentos conduzindo todos o sistema e os coletores de água e esgoto do apartamento em direção ao tanque. Será evidente – porque o advogado chamará a atenção para estes detalhes – a engenhosidade e o cuidado prévio em não interferir na rede central de captação do prédio de forma que pudesse causar qualquer tipo de problema para os outros vizinhos. Pressão, atmosfera, volume, vazão: tudo estará representado por símbolos físicos que para o júri soarão como hieróglifos. O que será claro, e para isto não será necessário a pré-existência de nenhum tipo de organograma ou tabela de sinais, é o choro da senhora Clarice quando já tiver se levantado de seu lugar na cadeira de testemunha.

O que irá parecer é que ele é só um destes sujeitos estranhos com quem sempre nos deparamos na rua e que não temos a menor noção – nem teríamos como, empenhados que estaremos em não conhecê-lo a ponto de ter que incluí-lo em nosso círculo social – de suas pretensões ou ambições. Seus interesses serão distantes para nós, situados em uma esfera completamente anômala à entabulação de uma conversa que possa nos interessar ou se fazer entender se não soubermos o funcionamento básico de sistemas hidráulicos montados de maneira irregular em um apartamento residencial.

É provável que nos chame atenção em sua conversa (se ele entender qualquer movimento nosso como anuência para começar a nos explicar a complexidade de sua estrutura), o

fato de que ele suspendeu por guindastes um tanque de polipropileno, com capacidade para dez mil litros de efluentes, para que pudesse entrar pelo buraco que ele abriu na parede de seu apartamento. Mas provavelmente não estaremos em sua presença para que ele nos explique isto em nenhum momento antes de tudo acontecer. O que nos chamará a atenção será a frase proferida pela repórter da TV local em frente ao prédio, com toda a correria dos bombeiros e ambulância e serviço de resgate e tudo o mais ao fundo, na transmissão ao vivo do desastre: Um pequeno ser abatido por uma gigantesca estupidez. E esta será a frase mais objetiva possível que alguém ousará proferir para tentar descrever o que a senhora Clarice viu. Ninguém saberá o que ela sentiu (embora mais tarde, quando contar a história toda com um tom de pesar na voz, como mais uma destas coisas que você precisa contar para os amigos numa mesa de bar qualquer, alguém murmure algo como *Vontade de Deus* e outro fale algo como *Dor Sem Fim*, e ninguém conteste isto), mas a declaração da repórter local, ainda que midiática, ainda que rabiscada um sem número de vezes no seu caderno, para calcular o impacto exato que poderia ter sob os telespectadores, é provável que seja a descrição mais exata do que a senhora Clarice viu: um pequeno ser abatido por uma gigantesca estupidez, porque estar ali na sala, passando roupa com o olhar atento sobre o bebê que dorme tranquilo no berço, num segundo, e ver a criança, assim, desaparecer no outro segundo, abatida por um tanque de polipropileno, uma gigantesca estupidez surgida de não se sabe onde, mas que atravessou o piso do apartamento de cima, abatendo seu pequeno ser, era algo de uma *Dor Sem Fim*, uma ferida hedionda que nunca cicatrizaria, ou talvez sumiria seria o termo mais correto.

O que irá parecer é que ele construiu uma imensa estrutura de milhares de quilos sobre um piso de um apartamento residencial sem que tivesse conhecimento para isto porque era um estúpido, e porque estava apaixonado pelo que parecia ter de engenhoso e intrincado e genial no seu alto grau de estupidez.

O que não irá parecer – por mais que ele próprio se esforce e haja um histórico de sua vida contado para um júri inteiro na tentativa de convencê-los disto – é que toda aquela coisa foi montada ali só por divertimento. Mesmo que, para ele, tenha sido isto que pareceu.

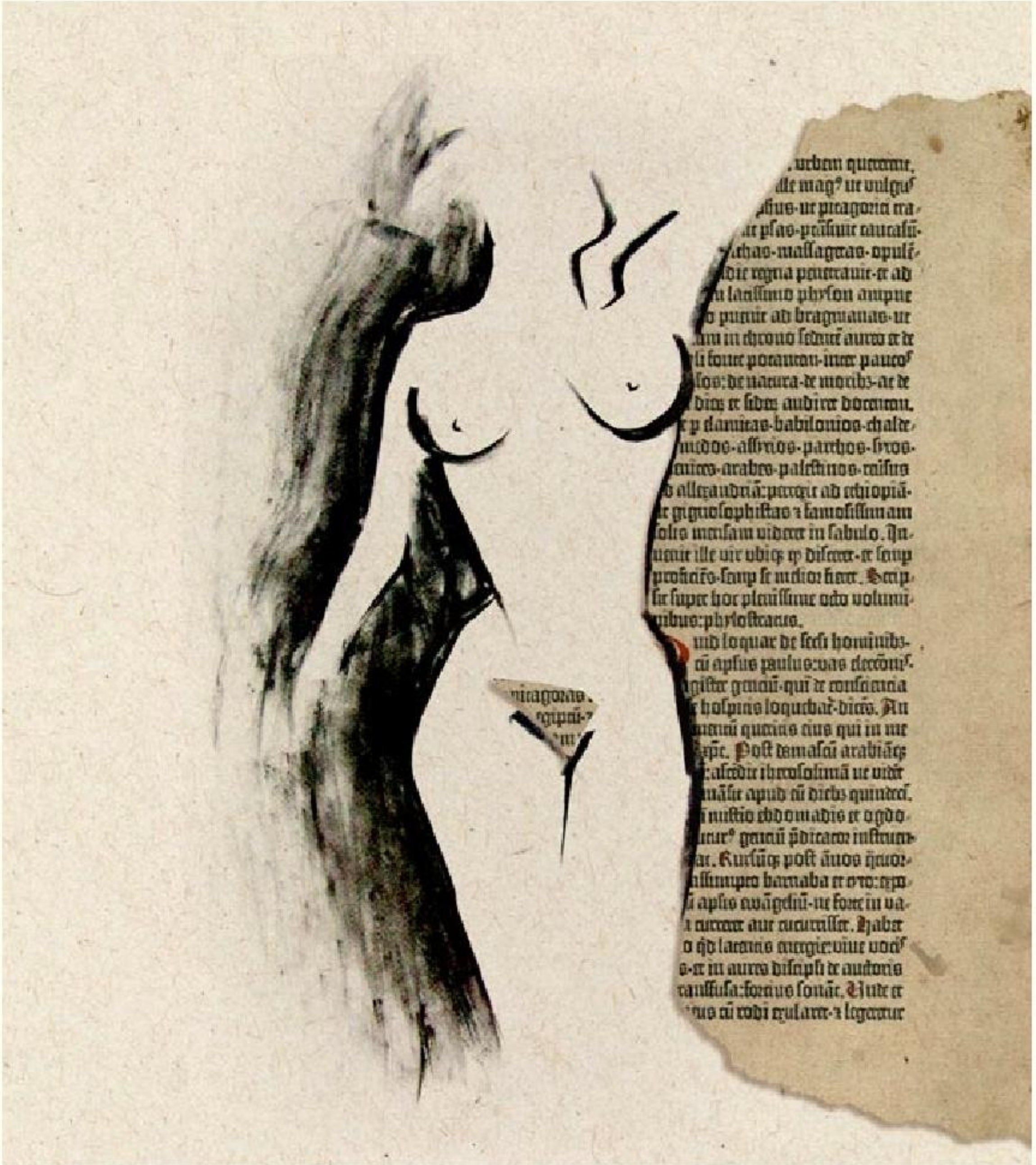
DE ANTÔNIO MARIANO

SOB O AMOR

V

Devoto,
eu vos elejo,
Ceres,
bendita entre as fêmeas,
razão da existência
de minha fome.

A senhora é pra comer
rezando,
banquete divino
que se renova
em moto-contínuo,
pés,
mãos,
olhos,
boca,
peito,
umbigo,
greta sagrada,
orifício,
ajoelho-me
e vos adoro.



XII

Ela banhando-me no rio.
Fora d'água, um peixe
quer ser coração.



XVIII

Toda lágrima é lacre
cingindo um círculo
sem cor.

Mar alto e tempestade
que fingem vínculos
de sal.

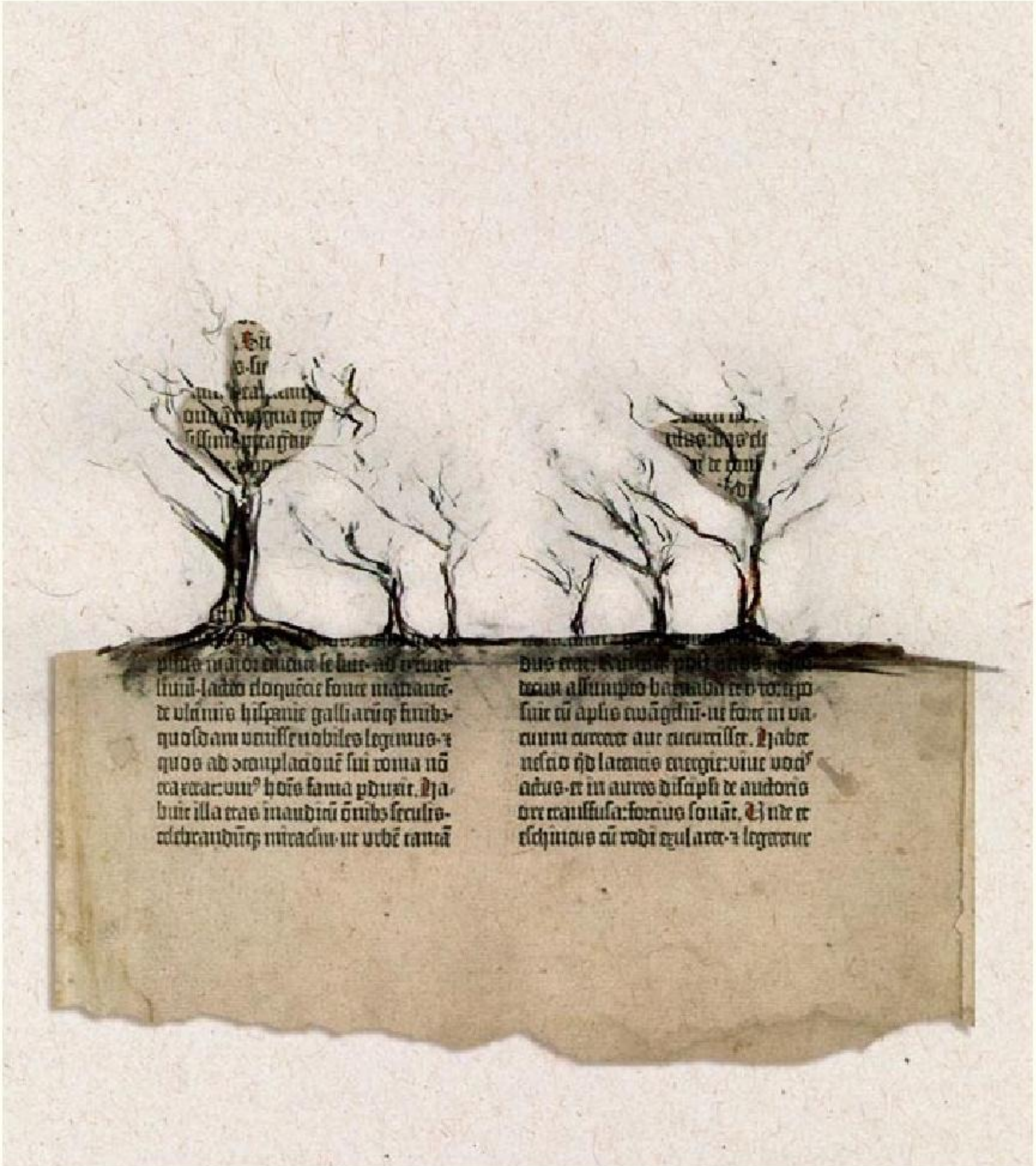
Jangada inavegável,
lepidra atraindo
agosto.

Sofro trancado. Três quartos
de mim destilam,
me arrasam.



XX

A fauna chorando:
te abraço e nunca me abrasas.
A floresta em extinção.



XXI

Ainda adiantava
a manhã em branco,
pulso anterior
(embora meu ouvido
não te sentisse
a mirada de súplica
parada no tempo).

Não te lembras.

Não te moveres de mim
era dizer isto.

Seria contigo que aprenderia
que o dia sucede a cãibra
e abraça o gelo.

Não te lembras.

Não é gratidão
o que imploro
quando deflagro
o brilho de teus olhos.



ANTÔNIO MARIANO (PARAÍBA) – Escritor. Publicou *O gozo Insólito* (São Paulo: Scortecci, 1991), *Te odeio com doçura* (São Paulo: Scortecci, 1995), *Guarda-chuvas esquecidos* (Rio de Janeiro: Lamparina, 2005) e *Imensa Asa sobre o dia* (João Pessoa: Dinâmica, 2005). A presente coletânea constitui uma mostra das peças de *Sob o Amor*, livro de Antônio Mariano recentemente publicado pela Editora Patuá.

OS CIOS DO SOME E OS SONS DO CIO EM HERCÍLIA FERNANDES

Por Carlos Eduardo Marcos Bonfá

[...] o próprio silêncio se define em relação às palavras, assim como a pausa, em música, ganha o seu sentido a partir dos grupos de notas que a circundam. Esse silêncio é um momento da linguagem; calar-se não é ficar mudo, é recusar-se a falar – logo, ainda é falar. (SARTRE, 2004, p. 22)

Fábio Andrade afirma que o silêncio significativo está no núcleo discursivo da poesia herméctica. Se silêncio significativo quiser mesmo dizer outra hipótese de fala, segundo expressões do mesmo autor, essa espécie de silêncio também se encontra na poética de Hercília Fernandes. Uma poética distante, parece-me, do barroquismo ou neobarroco que exploram este silêncio de forma mais frequente (apesar de mesmo alguns próprios herméticos se traumatizarem ao ouvir uma hipótese de ligação entre hermetismo e comunicação). Todavia, a poética de Hercília Fernandes faz o silêncio assumir uma de suas configurações básicas para os mesmos poetas herméticos: “monitoramento crítico da linguagem e recusa de imagens e figuras gastas, alijando uma reflexão sobre a capacidade expressiva da linguagem” (ANDRADE, 2010, p. 156). Mas este monitoramento crítico não toma uma via especificamente vanguardista no sentido da tradição da ruptura (que há tempos redundou em uma narrativa ortodoxa paradoxal da modernidade segundo as ideias de Antoine Compagnon) nem uma via de contato com o barroquismo (que é uma característica importante e com manifestações qualitativas na tradição poética, mas que em seus piores momentos adquire uma pirotecnia verbal e imagética que anula a força produtiva de qualquer silêncio significativo), mas uma via de reapropriação discursivo-imagética. A poética de Hercília Fernandes propõe, assim, monitorar as imagens e figuras a partir daquilo mesmo que tem de gastas, ora remanejando suas localizações em um perfil mais evidente de mapa inusitado ora fazendo o silêncio falar mais alto que elas, pois em sua poética o silêncio é às vezes a principal leitura, ou a leitura que mais faz sentido. E ler o gasto a partir do silêncio que o tensiona faz com que a leitura seja outra, faz com que o ângulo das coisas se altere.

O primeiro poema da obra *Nós em miúdos* (2013), de Hercília Fernandes, editada pela editora Patuá, intitula-se “OrientAção”. Costumo não gostar de orientações de leitura dadas pelo próprio autor. Alguns bons autores contemporâneos seriam melhores sem uma autocomiseração que parece dar uma espécie de tiro no próprio pé. Todavia a orientação específica desta obra procura jogar internamente, enquanto poema, com os recursos de leitura que a obra em si propõe em seu percurso compositivo. A poética é sentimental, e a exposição deste sentimentalismo se torna dúbia ao se expor desta maneira. É a exposição de que a exposição não é “somente” exposição, mas exposição e mais aquilo que não se expõe. É uma orientação de leitura,

enfim, mas uma orientação com uma tática de dubiedade e mesmo negação crítica perante a própria poética sentimental no interior de seus próprios recursos. Sentimento pensivo, que raciocina, nega-se, mas permanece mesmo assim, pois sentir e raciocinar, como ensina a poética pessoana, buscam uma intimidade mútua. A orientação é performática (a enfática Ação no interior da Orientação, sendo esta ênfase pela maiusculação do “a” um recurso formal constante de incentivo performático em títulos de poemas da obra), exige o desejo ativo do leitor. O desejo do leitor que ativa as leituras do exposto e do não exposto, das linhas e das entrelinhas, do audível e do silencioso. As pausas pau-sa-da-mente repetidas emulam mimeticamente, através da notação gráfico-formal, não só as próprias pausas como também as lacunas que deverão ser preenchidas pelo leitor desejante e ativo. Lacunas, frestas do silêncio do não-vivido que o leitor terá de viver. As coisas ver-da-dei-ra-mente fingidas são impregnadas pela significação do silêncio do não-vivido. Há lacunas na verdade, que o leitor terá de perscrutar. Há lacunas, assim posto, na exposição do “eu”, há uma contingência emocional na própria construção da verdade do “eu”. A construção deste “eu” é, permitindo-se uma certa redundância, um constructo, uma construção que pode ser desconstruída como um jogo de Lego, aos pedaços. Mas isto só ocorre enquanto leitura das lacunas, pois na superfície existe um “eu” substancial bem definido. A leitura silenciosa das lacunas deste “eu”, o preenchimento das lacunas pelo leitor terá como consequência ideal, parece-me, a revelação (ora mais ora menos consciente) do “nós”. Se o eu poético é um “eu” com potencial de “nós” é o leitor que efetuará concretamente esta abertura cognitivo-existencial através da compreensão da proposta interna da obra que é de ler o silêncio, fazê-lo falar e assim preencher o que era lacuna, fresta, intermitência, vazio. O que era o horror do vazio, na expressão de Maurice Blanchot. Mas este preenchimento será sempre uma lembrança do vazio, o horror não pode ser abolido, mas dissimulado em nome de todos nós, de todas as possibilidades projetivas de preenchimentos na consagração de cada instante, para recordar Octavio Paz, que concebia a realização do texto somente com a complementação da figura do leitor.

Alguns recursos formais da obra são motivados porque criam uma ligação intrínseca com o conteúdo semântico. A parentezação, por exemplo, curiosamente empreende a síntese semântica da obra logo no agradecimento:

[...] aos eus-outros que habitam-
(me)
em nós

O agradecimento é possuído por interferências de recursos poéticos caros à obra, e o “eu” aqui já denota uma estratégia em busca do outro, de nós, da coletividade, sem deixar de haver uma resistência intrínseca, inalienável da substancialidade do “eu” (atentemos para o fato de que a epígrafe é do Bachelard, um filósofo que acreditava nesta substancialidade do “eu”, ain-

está na comunicação. A história das relações é lacunar por causa da contingência de toda comunicação, mas também por causa da comunicação de toda contingência, que também é discurso. O poema “Nada Há que ser Dito” talvez me pareça o melhor da obra e o que melhor representa a história destas relações conjuntamente com o poema “Dos não Ditos”, onde há a exibição do sentido do não dito enquanto uma espécie de comunicação. Quando o eu poético diz que

assim tenho sentido,
amor,

o sentido é tanto a exibição emocional quanto o acréscimo de sentido que o silêncio adquire enquanto também um agente comunicador.

Como exemplo desta comunicação do silêncio, cito o poema “Cítrica”, que se encontra no conjunto “Estranheza”:

estive aromática...
exalando cítricos e gomos pelas nádegas
gotas de orvalho molharam-me os lábios
e uma selvageria tomou conta de mim
simples assim...
.....ponho!

Aqui o silêncio tem a função de deflagrar a estranheza erótica. Para Bataille, a santidade é exprimível em discurso enquanto o erotismo não, por causa do entrincheiramento na solidão resultante da interdição. Assim posto, o erotismo separa os homens, enquanto a santidade os une, mas tanto um quanto outra se avizinham enquanto experiências extremas. Um discurso erótico é sempre paradoxal, é um discurso que pode cair no silêncio, tendo já o próprio silêncio em seu ventre. A meu ver, o discurso poético é o mais propício ao erotismo pois, no rastro de um pensamento como o de Octavio Paz, ele é capaz de aliar solidão e comunhão, silêncio e comunicação.

Parece que o eu poético de Hercília Fernandes tem “consciência” disto. Mas vai evocar a interdição do discurso erótico, na poesia, como um convite de expansão quase ilimitada da imaginação. Aqui o não dizer passa a ser a doação da liberdade de imaginar tudo e por conseguinte criar seu próprio discurso pleno de desejo. O eu poético de Hercília Fernandes ironicamente evoca a interdição para doar a liberdade, o recurso formal da pontuação excessiva e o uso do espaço em branco criam uma polissemia radical pela ausência de discurso racionalmente articulado; o silêncio é a latência, o cio do som, isto é, o cio do discurso; o silêncio no próprio ventre do discurso erótico passa a ser também, em contrapartida, o discurso erótico no ventre

da que de um “eu” bem simbólico e “delirante”, substancialidade criticada disforicamente por algumas correntes de pensamento contemporâneas, como a derridiana de um lado e a heideggeriana de outro). A parentezação do eu (através do pronome “me”) representa formalmente um resguardo, uma preservação dele.

Mas este recurso da parentezação também é um instrumento para criar uma relativização da verdade e uma alteração de ângulos, ou ainda um simultaneísmo da(s) verdade(s). No poema “Alvo” seu uso é acentuadamente polissêmico. A palavra “penh(a)sco” evoca, no contexto, “penha”, “asco”, assim como o “penhasco” como palavra-síntese das duas, mesclando sensações humanas a elementos inanimados.

Outro recurso formal motivado é o riscado, um risco sobre expressões e versos como se fosse um rascunho. Este recurso é próprio da dubiedade:

Sol Chama (Re)Encontro, parte 2
(7 mar. 2010)

bem poderia voltar...
aproveitar esse instante
~~em que me exponho~~
com glóbulos e neurônios
~~a flor da pele~~
as mãos sobre a cabeça
para que nada debele
em juízo

A exposição quer se extirpada como se fosse um resto, um rascunho, mas permanece, resiste; o transbordamento emocional, à flor da pele, quer ser omitido, mas continua exibindo seu desejo, sua força.

O “eu” enquanto ontologia se encontra de modo acintoso no primeiro poema da série “Borrões de Rio”. Há um surto negativo radical de abertura ao outro no cogito, na consciência. Radical: a abertura ao outro é vista como ausência de vida, isto é, déficit ontológico. No entanto no último poema da série a abertura é retomada. Há a saudade do outro, isto é, o desejo de proximidade, a consciência da carência e falta que é o “eu” sem o outro. A lírica amorosa de Hercília Fernandes é também lírica filosófica ou ao menos propensa a explorar temas ligados à identidade.

Em “Da História (Lacunar) dos Iguais” as instâncias eu-outro são inseridas na História, isto é, evidencia-se que há um estrato histórico subjacente a estas relações e é neste ponto que podemos pensar uma dialética da comunicação e do silêncio. As instâncias eu-outro, inseridas na História, adquirem uma dinâmica de relação. A comunicação está no silêncio e o silêncio

do próprio silêncio. Interdição e discurso, silêncio e comunicação: como afirmei anteriormente, há um estrato histórico subjacente às relações das instâncias eu-outro e isto permite pensar uma dialética da comunicação e do silêncio. A comunicação está no silêncio e o silêncio está na comunicação.

Existe, óbvio, uma ativação erótica no poema, estratégia para depois o leitor continuar com sua imaginação. O poema ativa o desejo e exige que o leitor seja aquele que Sartre pede ao falar sobre a leitura: um leitor que também doa toda a sua pessoa, com suas paixões, prevenções, simpatias, temperamento sexual, escala de valores. A ativação erótica está nas imagens primeiras aliadas ao misterioso ato no final. A ativação me parece bem estimulante em um sentido mesmo de estranheza erótica: exalar cítricos e gomos pelas nádegas pode ser uma espécie de convite para se sentir este odor, o odor cítrico nas nádegas, e hoje é difícil um leitor ingênuo que não desconfie destas gotas de orvalho nos lábios.

Mas a bem da verdade o erotismo e a pornografia talvez hoje tenham grande dificuldade de causar algum estímulo enquanto temas. Sade e Baudelaire, por exemplo, já revelaram muito e de diversas maneiras. É preciso ter consciência disto. Ter consciência da dificuldade de estímulo do erotismo e da pornografia enquanto temas, não obstante ao mesmo tempo a onda do politicamente correto que assola a grande maioria dos discursos contemporâneos (aqui se encontra uma espécie de paradoxo discursivo do contemporâneo). Mas aqui Hercília Fernandes consegue criar uma forma de dizer que causa interesse de leitura e análise, principalmente pelo jogo com o não dizer. Evoca formalmente a interdição (talvez evocando as formas censórias do politicamente correto) mas para doar uma forma diferente de liberdade expressiva. Poderes da poesia. E da poesia de Hercília Fernandes.

Poderia finalizar, como boa parte da crítica brasileira que se preze, dizendo que a obra é um marco literário. Não o digo porque hoje isto não é dizer nada (aqui se encontra o não dizer em mal sentido). Prefiro dizer que a obra causa estímulo de leitura e análise. Há prazer em se ler. Creio que dizendo isto estou dizendo mais do que diria se dissesse que é um marco literário e que deve ser lido. Os críticos deveriam parar de querer colocar selo de garantia em toda nova obra, porque assim fica realmente parecendo que uma obra de arte é quase somente mais um produto no mercado. Procuro não dar selo de garantia. Procuro antes ler e passar uma pouco do prazer da leitura.

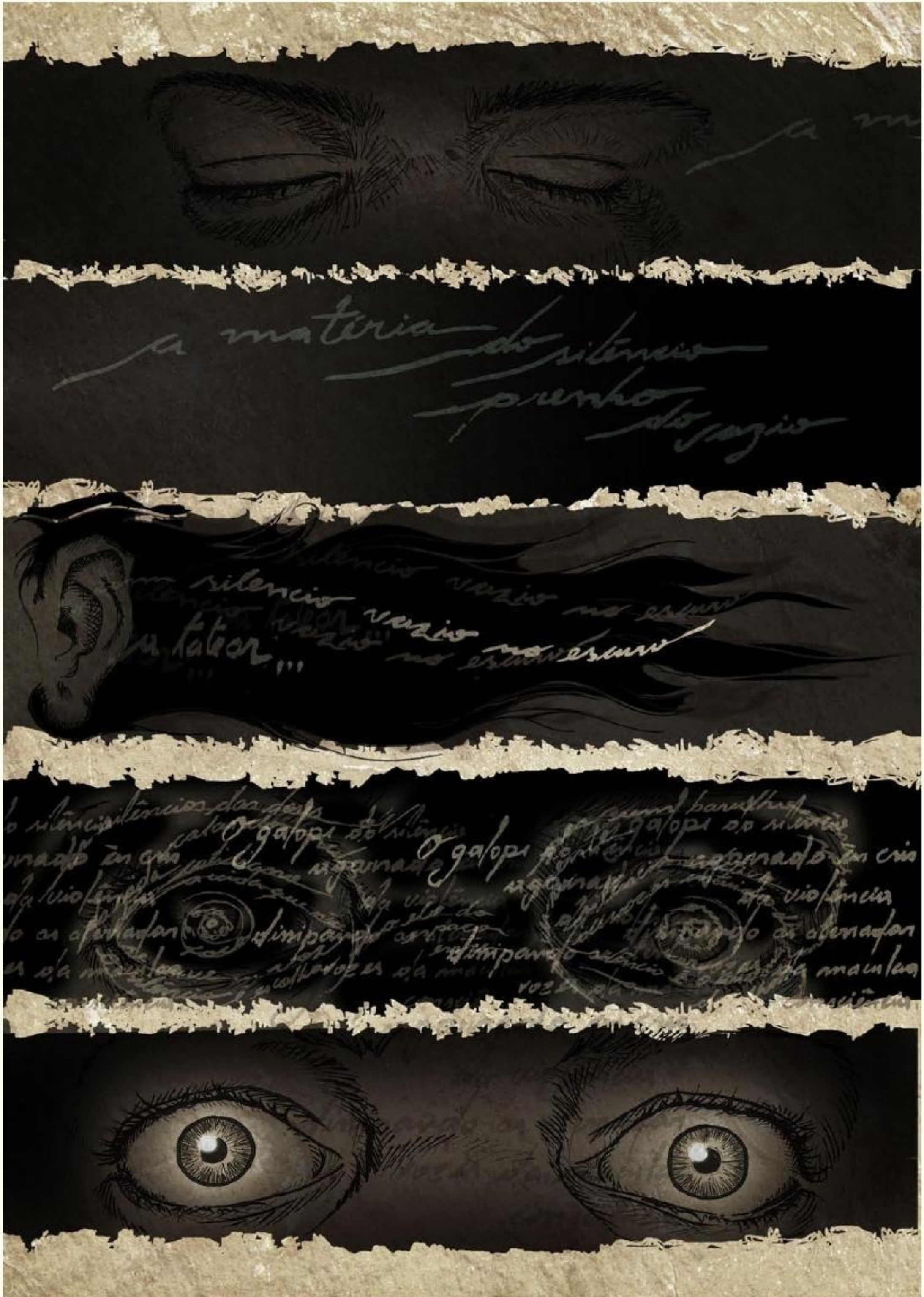
BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, F. A transparência impossível. Poesia brasileira e hermetismo. Recife: Edições Bagaço, 2010. (Coleção Teses)
- BATAILLE, G. O erotismo. Ensaio. São Paulo: Ed. Arx, 2004.
- COMPAGNON, A. Os cinco paradoxos da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- FERNANDES, H. Nós em miúdos. São Paulo: Ed. Patuá, 2013.
- PAZ, O. Signos em rotação. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.
- SARTRE, J. P. Que é a literatura? São Paulo: Ed. Ática, 2004.

CARLOS EDUARDO MARCOS BONFÁ (SÃO PAULO) – Escritor. Graduado em Letras, Mestre em Estudos Literários (Letras) com especialidade em Literatura Portuguesa e doutorando em Estudos Literários (Letras) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Por Flaw Mendes

Barulho escuro



Flaw Mendes (PB) - Artista visual e editor da Revista Blecaute.

...E DEUS CRIOU O DECÁLOGO...

Por Reynaldo Bessa

Na Grécia antiga se você perguntasse a um grego por que ele não colocava no papel o seu trabalho poético, ele com certeza iria achar muito estranho. E talvez respondesse: “com que finalidade?” O grande barato era a voz; poesia, música e dança numa coisa só. A escrita desempenhava papel secundário. De lá pra cá muito coisa mudou. Hoje, muita gente quer ser escritor, certo, é louvável, mas na maioria das vezes esquece-se do passo fundamental para se embarcar nesse sonho. Sim, esquece-se que um escritor é antes de tudo um leitor. Portanto, antes de se por a escrever, Leia. O primeiro passo dessa saga é Ler. Além, claro, de diversos outros passos tão importantes quanto. Alguns alunos chegam à minha Oficina de Escrita Criativa dizendo que querem muito escrever porque estão lendo um livro muito bom sobre vampiros. E eu lhes pergunto: “e quais outros livros vocês já leram?” “Até agora, só esse”. Respondem. Tá, beleza... Ainda acredito que ensinar a escrever é como ensinar a andar: um passo de cada vez. Por isso, montei aqui o meu Decálogo – nem sei mais quantos já fiz até então – na tentativa de oferecer algumas dicas àqueles que intencionam perseguir esse ofício que já levou muita gente para o túmulo, sem reconhecimento, família, dinheiro... Nada. E também para dar algumas dicas sobre como se proteger dos vampiros. Ok? Segundo o Aurélio: Decálogo significa dez palavras. Essencialmente, as palavras que resumem a Lei, dada por Deus ao povo de Israel, por meio de Moisés. Estão vendo, né? A coisa é antiga, (Deus foi o primeiro escritor, e Moisés o primeiro editor), mas virou moda nos últimos tempos: Decálogo para um relacionamento feliz, O decálogo da saúde perfeita, O decálogo para acertar na Mega Sena, Dez passos para não envelhecer, Decálogo do sexo tântrico, Dez passos para parar de fumar em nove, Dez passos para amar a sogra, para emagrecer, para encontrar o par perfeito e por aí vai. Do que toca a escrita, Horácio Quiroga fez o seu: Decálogo do perfeito contista. Nesse livro, alguns escritores reconhecidos comentam os dez passos sugeridos pelo escritor Uruguaio, acerca do gênero conto. Resultado: ninguém concorda com ninguém. – vez em quando, sim, na maioria das vezes, não. – mas esse é o grande barato da proposta: o debate. O conto ganha mais um ponto. O livro serve como uma forma de tentar conter os excessos literários dos iniciantes no ofício da escrita, além, claro, de ser um belo documento literário de uma época. Tá valendo. Bom, como sempre costumo dizer: prefiro ser um escritor iniciante que um escritor em fase terminal. Até depois do fim, serei um iniciante. E todo escritor iniciante que se preza, dizem, precisa ter o seu decálogo. Então, herewego:

Primeiro passo -Leia: ler é descobrir, revelar, viajar, puro encantamento, povoar-se. Mas não leia apenas romances, contos, ou poesia, e muito menos só os seus autores preferidos. Fuce. Leia os clássicos, leia também sobre filosofia, enologia, etnologia, história, viagens, memórias, leia também obituários, e até bulas de remédios. Só não leia livro ruim. A vida é curta e a leitura é longa. Ah, mas como sei que o livro é ruim se ainda não o li? Com o exercício da leitura,

com a experiência, em apenas alguns parágrafos você já saberá quem é o indivíduo que tenta lhe subestimar. E outra coisa, não leia com pressa só para dizer que leu muitos livros. Seja um leitor atento, mantenha um olho clínico, cínico, crítico. O Fidel Castro era muito amigo de Hemingway e um de seus maiores leitores na época em que o autor do clássico, O velho e o mar, morou em Cuba. Fidel, leitor atento que era, apontou um problema de cálculo num tempo de viagem de um navio. Segundo Fidel aquilo era impossível... Coisa assim... Não se sabe ao certo o que o Hemingway argumentou. No mínimo foi tomar umas no LaFloridita. Enfim, leia o seu livro de cabeceira como se fosse o único livro existente na face da terra, até então. Aí, sim, depois de finalizado, passe para outro e outro e outro e...

Segundo passo -Escreva - reserve um tempo – pequeno que seja – todos os dias para escrever. E escreva. Sabendo desde já que escrever é rasgar, deletar, cortar. Escreva. Não fique pensando que escrever é muito difícil, porque é mesmo e ponto. Mas não se prenda a isso. E principalmente não espere o momento ideal para se por no ofício. Existe um diálogo em “O caso Morel” (meu preferido), do Rubem Fonseca, que é assim:

(...) “Preciso da sua ajuda”

“Diga como”

“Eu preciso escrever um livro - Matos não lhe falou?”

Morel reflete por instantes

“Estou arrasado”

“É assim mesmo que se escreve” (...).

A não ser que você esteja morto, não existem situações favoráveis ou desfavoráveis para o ofício da escrita. Escreva. No fim da vida, John Fante, diabético, cego e com as duas pernas amputadas, ditou todo o seu novo livro à esposa, Joyce, para que ela o escrevesse. Isso num leito de hospital. Também há uma grande chance de que Miguel de Cervantes tenha escrito Dom Quixote enquanto estava preso, ou pelo menos foi na cela, que pensou boa parte do livro. Então, não espere. Escreva.

Terceiro passo-Tenha um blog: nele você poderá publicar seus textos inéditos. E se quiser que alguém os leia, terá que atualizá-lo, no mínimo, semanalmente, para não correr o risco de o seu seguidor passar a seguir outras palavras. O blog é como a paixão: é voraz, e exige frequência. Isso tem um lado bom, pois o manterá no exercício da escrita: pensando, questionando, revisando, deletando, cortando, escrevendo e reescrevendo. Mas o tenha apenas como etapas, ou exercícios de aquecimento, preparação, laboratório. Apesar de toda essa agitação sobre o livro digital, ainda é o livro impresso que dá o status autoral.

Quarto passo -Fale do seu livro enquanto estiver escrevendo-o. Claro que alguns escritores não gostam e não fazem isso nem que lhes paguem, mas este é o meu decálogo, certo? Então, eu mostro. E reforço: a noiva deve, sim, mostrar o seu vestido antes do casamento. Nisso ela poderá até livrar-se de um mala pelo qual poderia arrepender-se pelo resto de sua vida. O Caçador de Pipas, de início, era um conto longo, quer dizer, o autor pensava assim.

Com uma conversa aqui, outra acolá, ele acabou percebendo que tinha material suficiente para transformar em um romance. E foi o que fez. Claro que o material que Khaled Hosseini havia escrito não era bem um conto, eram exercícios de cena e etc. Pois como diz Antônio Cândido, um conto é irreversível, assim como a novela e o romance. Mas foi conversando com um e com outro que Hosseini percebeu o que realmente tinha em mãos. Philip Roth sempre consulta os amigos, e principalmente, sua esposa. Enfim! Resolvi um grande entrave de um dos meus livros conversando com um dos meus amigos escritores, mas a melhor ideia/solução partiu mesmo da moça que toda semana cuida da minha casa. Putz... Ela disse, “não, esse cara num pode fazer isso, porque isso e isso... e porque aquilo, nãaaaoooo”. Batata. Câmara Cascudo dizia: Só mostre suas feridas àqueles que podem curá-las. Eu prefiro mudar isso, e dizer que: só não mostre suas feridas àqueles que não podem abri-las ainda mais.

Quinto passo - Nunca esgote uma ideia numa tacada só. Hemingway dizia que só parava de escrever, só ia mesmo para a cama quando sabia o que ia escrever no dia seguinte. Quando sabia como continuar exatamente de onde parou. Portanto, faça à escrivinha o que algumas pessoas fazem à mesa: não coma tudo, não coma muito. Saia com a sensação de que poderia ter comido um pouco mais... Entende?

Sexto passo - Saia do seu círculo de amigos e conheça outras pessoas, outros lugares. Entre em botecos, ande de ônibus, metrô, a pé, entre em bicos, visite presídios, favelas, mansões, faça alguma coisa que você nunca fez. Viva várias vidas numa só. Viva suas vidas possíveis e impossíveis... Viaje, conheça povos, cidades, ruínas. Isso lhe trará ideias, experiências, e no mínimo muitas histórias pra contar.

Sétimo passo - Não escreva para ganhar prêmios. Escreva por escrever. Se o que você escreve tiver qualidade, os prêmios virão, e eles são importantes, sim. Se Sartre ao ganhar o Nobel não foi buscá-lo, o rejeitou, é porque devia estar com alguma crise existencial. Prêmios não são fins, são meios. Eles tornam o autor e seu respectivo livro conhecidos, despertam a curiosidade do leitor, aumentam as vendas, e estimulam a produção literária... Enfim, diversas outras coisas. Mas quem escreve pra ganhar prêmios ainda não é um escritor, ainda não entendeu nada.

Oitavo passo - Se você é um escritor prolixo, sem pena, mande a maior parte do que escreve pro-lixo. Ouça Quintana. Ele dizia que o autor só deve publicar vinte por cento do que escreveu até então. Se você já tem mil páginas escritas, terá aí, aproximadamente, um livro de duzentas páginas, mas aconselho a cortar ainda mais. Hemingway disse que o teste de qualquer livro é a quantidade de coisas boas que você pode jogar fora. Bom, diga o que tem o que dizer, e ponto final. Não encha a paciência do leitor e nem o subestime. Vá por mim, corte.

Nono passo - Quando, enfim, terminar de escrever o seu livro. Quando o tiver revisado – e isso é um trabalho de Sísifo – envie-o para algumas editoras. A maioria delas leva em média seis meses para dar um parecer, outras nem respondem. Mas antes de enviar seus originais, procure conhecer o perfil de todas elas. Assim não correrá o risco de enviar a sua antologia de

contos, poemas, crônicas ou até mesmo seu romance a uma editora que só edita originais acadêmicos, didáticos, científicos, infantis e outros do tipo. Entende? Outra coisa, não atire para todos os lados: não envie seus originais para todo mundo. Gente do meio, do universo do livro, detesta isso. Não por falta de vontade, interesse, ou por egoísmo, mas por falta de tempo mesmo. Muitos deles geralmente se encontram mergulhados em diversos compromissos. O prazo, às vezes, pode tornar-se um pesadelo. Uma saída é enviar seus originais a concursos. Existem vários. E, depois de publicados, existem outros tipos de concursos. Participe de todos eles. Participe de antologias (mas nunca pague para fazer parte delas). Se estiver ansioso, segure a onda, não se autopublique. Eu sei da vontade que é ver logo o livro nas mãos. Mas isso dura pouco. O livro chega da gráfica/editora, você corre a algum lugar e dá gritinhos abafados, ... Meu livro, meu livro... Lindo, lindo. Você o abrirá por diversas vezes, até dará alguns beijinhos, e lerá por diversas vezes o seu nome na capa, mas como disse, isso dura pouco. Um livro fechado é só um livro fechado. Ele precisa encontrar o leitor, vários, de preferência, senão é apenas um livro que já nasce morto. Para encontrar o leitor ele tem que ser distribuído, divulgado, comentado, rotulado, carimbado, se quiser voar, e infelizmente a maioria das pequenas editoras não possui esse esquema mercadológico e fundamental ao livro. Mas se você não se importa com isso. Se quiser apenas presentear os amigos, a namorada, o namorado, os netos, sei lá... Pode ser um caminho. Hoje há várias editoras que trabalham por demanda. E muitas delas são sérias, competentes no ofício. O negócio parece simples: faz cem, vende, faz mais cem, e assim vai. É um jeito de equilibrar os dois lados: editor/autor. Isso evita o encalhe - se livrar de mil livros é mais difícil que se livrar de um cadáver - e o investimento inicial - dependendo do projeto - não é muito alto. Mas pense, isso são apenas ideias, possibilidades, caminhos, jeitos e maneiras, porque sei que o sonho do autor ainda é fazer parte do time de uma grande editora. Ser bem editado. Uma grande editora tem lá também os seus contratemplos, mas mesmo assim ainda é o melhor caminho.

Décimo passo - Não acredite em dez passos para isso, ou para aquilo e muito menos para se tornar um escritor perfeito. Reza a lenda (sei, é um clichê, mas cabe muito bem aqui) que o decálogo que Deus escreveu foi quebrado, e assim Ele teve que fazer outro. Isso dá a entender que o povo não o seguiu. Então, esqueça tudo o que escrevi aqui e faça outro. Faça o seu. O seu decálogo. A literatura, a escrita, são organismos vivos e pulsando sempre. A Grécia antiga não dava muita bola para elas, nós pensamos diferentes e amanhã outros pensarão de outros jeitos. Tudo o que foi, é e será dito acerca da escrita, da literatura, será só e somente conceito. Verdade absoluta só funciona com quem já morreu, e olhe lá.

REYNALDO BESSA (SÃO PAULO-RIO GRANDE DO NORTE) - Músico, escritor e poeta. Já lançou cinco CDs. O mais recente com músicas suas sobre diversos poemas de autores como: Drummond, Leminski, Auta de Souza, Alphonsus de Guimaraens, Fabrício Carpinejar, Alice Ruiz, entre outros. Em 2008 lançou seu primeiro livro "*Outros Barulhos - Poemas*" (Prêmio Jabuti 2009 - Poesia). Em 2011 lançou seu livro de contos "*Algarobas Urbanas*". (editora Patuá). Pela Rubra Cartoneira Editorial (Londrina-PR), publicou o seu terceiro livro, "*Não tenho pena do poema*" (o segundo de poesia). Seu mais recente livro é "*Cisco no olho da memória - poemas*" (Terracota editora/Selo Musa Rara) - 2013.

DE ANA LÚCIA ORLEANS

7 de setembro

Hoje passou cometa no Sertão
alumiô rosto e sorriso
dos Fabiano Severino

Só Baleia ficou
escura e do meu lado

Estica a língua
o mais esticadinha
[possível
tenta a relação
[íntima
com a gota d'
á
g
u
a

que escapa
relutante
da minha cuia.

Créditos

as vezes acho que a vida é filme
película querida em RedScale
esquecida na gaveta

Personagens Mil
Fazem Cena Por Aqui
Entram Saem Sobem Caem

Escalados Mandados Marcados
Da Cegueira Limpa
Do Diretor
Esperto

tão pobres! esquecem...
a luz que cria é a mesma que queima
a lente que tanto diz
a mesma que fecha

Uma prosódia pra você

Neste diálogo
meu e teu
tu aprendes
 tu
eu apreendo
 -te

De quantos tu precisarei eu
para que enfim entenda(s)
o turvo tu mistério
ouve-se porque se quer

tu, tu, tu...

Lóri

Chegou e viu o prato.
Era só prato, mais nada.
Redondo, preto.

Chegou e viu o prato.
Antes flor e prato,
agora
prato

pra tirar o prato praticamente praticou dor
dor avante ainda amava Lóri

Lóri era flor, agora sem prato,
despedaçada no chão.

a

três

andares

e debaixo de um céu preto preto (feito o prato)
ela era o que se via com dificuldade

É que
Lóri era flor, agora sem prato,
despedaçada no chão.

A terra pesada não a salvou
de tal trágico destino de morrer como gente
(Havia morrido Lóri?)

Quando vento ventou
terra disse: fica!
Prato disse: vai!

Mas Lóri se apaixonou pelo vento
Abriu sua flor antes fechada
Esticou seu caule antes morto

Fez-se em mil pedaços cor-de-própria-pele

e deu-se ao v e n t o
disse que a levasse

"Não meu bem, morrerás em menos de quatro"
"Morreria até em três por ti"

Mais vale três contigo a me transpassar
num misto de suave e dolor
do que por mil anos me guardar
em todos os botões de flor

Lóri rimava pobre
porque isso é o que se faz quando apaixonado:
rima-se pobre.

Desde aquele dia não mais quis saber de lugar certo
o vento, pra não matar
porque descobriu que matar amando
é mais que viver a vida inteira
Mas morrer de amor era melhor ainda.

Lóri era flor, agora sem prato
despedaçada no chão.

Por Rinaldo de Fernandes



A SEDE DOS BEM-TE-VIS

De um bar, numa rua tomada de folhas secas, que se soltavam da árvore com os galhos melados pelos passarinhos, Breno divisou, numa casa de muro fendido, por entre as ramagens de um jardim meio ressecado, uma tabuleta onde estava escrito – “Eu sou a água”. Curioso, quis saber do garçom que tabuleta era aquela. O garçom, aplicando mais cerveja no copo de Breno, disse – “É a velha Mercedes, que foi uma miss conhecida e que de vez em quando chega ali no portão, grita, xinga os passantes, ou traz urina numa bacia. Diz que é para conter a sede dos bem-te-vis”.



CADA UM TEM A SUA ESQUINA

Uma brisa passou, de repente, trazendo-lhe o susto da esperança.



**O FALADOR
(OU VALENDO-SE DO FIO DENTAL)**

Falava tanto, que tinha sempre um fio para tirar as formigas dos dentes.



INTERROGAÇÕES

As sobrancelhas brilhosas do travesti encontrado morto na praia interrogavam as estrelas.



A TÁBUA DA SALVAÇÃO

Foi debaixo de um temporal que tomei a estrada de terra. Dirigia o carro perigosamente, os pneus projetando lama nas moitas já pretas, eu receoso de ficar atolado, eu sozinho e somado de repente àquele descampado, as gotas zumbindo no capô, então um pássaro pingou do galho da única árvore ali (a má sorte escrita no tronco torto), o pássaro começou a girar, a girar, e, pedra, veio rolando no rumo do carro, precipitou-se contra o vidro, querendo quebrar a água, ou quebrar meus dedos, que pegaram a tremer, o pássaro ainda ali no vidro, alegre de fúrias, sorrindo com o pescoço, que enterrava e emergia, as penas agora saindo-se de limpador, e um relâmpago ruiu em seus olhos, que achei que conhecia, “meu Pai, não pode ser!”, eu disse, enquanto engatava a primeira, a segunda, a terceira, escapando para um rio, o carro montando e afinal escorrendo na tábua salvadora.

RINALDO DE FERNANDES (PARAÍBA-MARANHÃO) - Contista, romancista, antologista e professor universitário. É autor de *O perfume de Roberta*, (contos, Garamond, 2005), *Rita no Pomar* (romance, 7Letras, 2008) e organizador, entre outras, das coletâneas *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (Geração Editorial, 2006), *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Garamond, 2006) e *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (Geração Editorial, 2008). *Confidências de um Amante Quase Idiota* (contos, 7Letras, 2013) é seu livro mais recente.

AL OUTRO LADO DEL RIO

Por Valdênio Freitas

O reservado adolescente Heráclito adicionou um novo evento ao seu cotidiano: ir logo cedo a um rio que passava próximo à cidade de Éfeso e ficar sentado nas margens ou colocar os pés na água e passar horas olhando pros círculos que a correnteza fazia nos calcanhares. Vez ou outra algumas crianças viam Heráclito e começavam a imitá-lo, colocando e tirando os pés da água. . “Tudo flui”, falou quase que automaticamente Heráclito ao apalpar uma grande espinha que vinha nascendo no seu queixo e ver, em uma mesma cena, a risada das crianças dando golpes na água, jogando gotas, formando espumas, bolhas e pequenos arco íris na luz do sol. Heráclito sentiu uma grande alegria junto a uma vontade de ir à outra margem do rio. Porém, suspirou e lamentou não saber nadar bem para fazer isso

Indo para casa, Heráclito para e vê uma multidão numa praça. E, entrando mais no centro da multidão, percebeu que o centro das atenções era um jovem bonito e bem vestido chamado Parmênides, apresentado como filósofo e bajulado por lideranças políticas locais da cidade de Éfeso. Por um momento, todos silenciaram e Parmênides começou a contar sobre um manuscrito que estava elaborando: um bocado de histórias sobre um pequeno príncipe que morava sozinho em uma ilha em que apareciam raposas e outros seres. Parmênides usou uma das reflexões desta fábula do príncipezinho – que desde o início Heráclito achou horrível e de mau gosto – para falar da sua filosofia sobre a permanência de elementos do cosmos e soltou a seguinte frase : “ o essencial é invisível aos olhos”. Neste exato momento, o impulso crítico de Heráclito ganhou força e ele entrou em um dilema – muito comum nos dias atuais quando jovens vêem opiniões contraditórias nas redes sociais – discordar ou não discordar? Vale a pena discutir com esse babaca? Ao mesmo tempo que Heráclito apertava a espinha no queixo a ponto de estourá-la ele sentia subir uma voz interior – como se um ventríloquo tivesse dado o comando, e já estava dizendo:

“Pelo contrário, não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio. Tudo flui, nada persiste nem permanece o mesmo”

Há mais panelinhas, fofocas e baixarias sobre as disputas entre Parmênides (o filósofo da essência) e Heráclito (o filósofo da transformação) do que nossa vã filosofia possa acreditar. A famosa frase do rio gerou toda uma fúria por parte de Parmênides. Habitado – na sua essência – a não ser contrariado pelos pais, ele viu em Heráclito um oponente que precisava destruir a todo custo. Nem sequer pediu pra Heráclito explicar melhor a sua questão fluvial e foi logo fazendo apostas: “desafio você a provar isso no próprio rio”. Heráclito aceitou a proposta. Com uma multidão acompanhando, os dois chegaram ao rio que passava perto de Éfeso. Heráclito apresentou seu argumento, colocando os pés na água durante duas vezes. Na primeira

vez, apenas colocou os pés na água e depois saiu – nesse momento alguns habitantes de Éfeso juram que viram Heráclito andando na superfície do rio, mas não há provas disso. Na segunda vez, colocou de novo os pés na água e jogou uma folha seca no rio. Por fim, apontou ela sendo levada pela correnteza. O argumento estava pronto.

Parmênides estava horrorizado, pois não sabia explicar sua ideia outrora tão brilhante de essência diante desta visão da folha zigzagueando e indo embora na correnteza. (Pior era o público que, entediado com a disputa, foi aos poucos esvaziando as margens do rio). Atacado de fúria Parmênides foi para a hospedaria da cidade, pensar em alguma forma de contrariar a brilhante constatação de Heráclito. Os três seguintes dias foram dedicados às mais variadas e bizarras ações comandadas por Parmênides:

Primeiro dia: Parmênides contratou um certo número de escravos para cavar buracos e encher eles com a água do rio: com a água parada poderia provar a essência das coisas (além de tentar causar uma epidemia de dengue na cidade). Mas com o tempo a água dos buracos do batia na terra e virava lama ou evaporava. Heráclito olhava apenas sorrindo e repetia “tudo flui”. E repetidas vezes Parmênides deu ordens aos escravos para cavar grandes buracos, chegando mesmo a construir um pequeno lago desviando água do rio. Parmênides também sugeriu que os escravos fizessem uma pequena ponte de madeira no rio para provar que a ponte era essência e o rio, a aparência. Não se sabe se cansados de levar insultos e chicotadas ou se por uma afinidade filosófica com Heráclito os escravos se reuniram e elegeram um líder para dizer a Parmênides: “não adianta, tudo flui”

Segundo dia: Pobres animais que se envolvem nas disputas entre dois filósofos!. Principalmente quando um dos filósofos odiava ser contrariado. No segundo dia, Parmênides comprou um grande rebanho de bois e cabras e, em seguida, mandou matar todos e retirar o couro dos animais. Em seguida, encomendou a todos os alfaiates de Éfeso que costurassem a pele dos animais e juntassem umas estacas de forma a fazer um “depósito” de água do tamanho de uma piscina dessas que as crianças dos dias atuais usam para se banhar aos domingos. Orgulhoso e crente de que agora o argumento de Heráclito ia ser vencido, Parmênides se despiu e caiu na piscina. Porém após um tempo ao sol o couro dos animais ressecou e as costuras se romperam estourando a água e o filósofo Parmênides por todos os lados. “Tudo flui”, disse novamente Heráclito ao ver Parmênides pelado caído em uma mistura de lama e pedaços de couro que começavam a apodrecer.

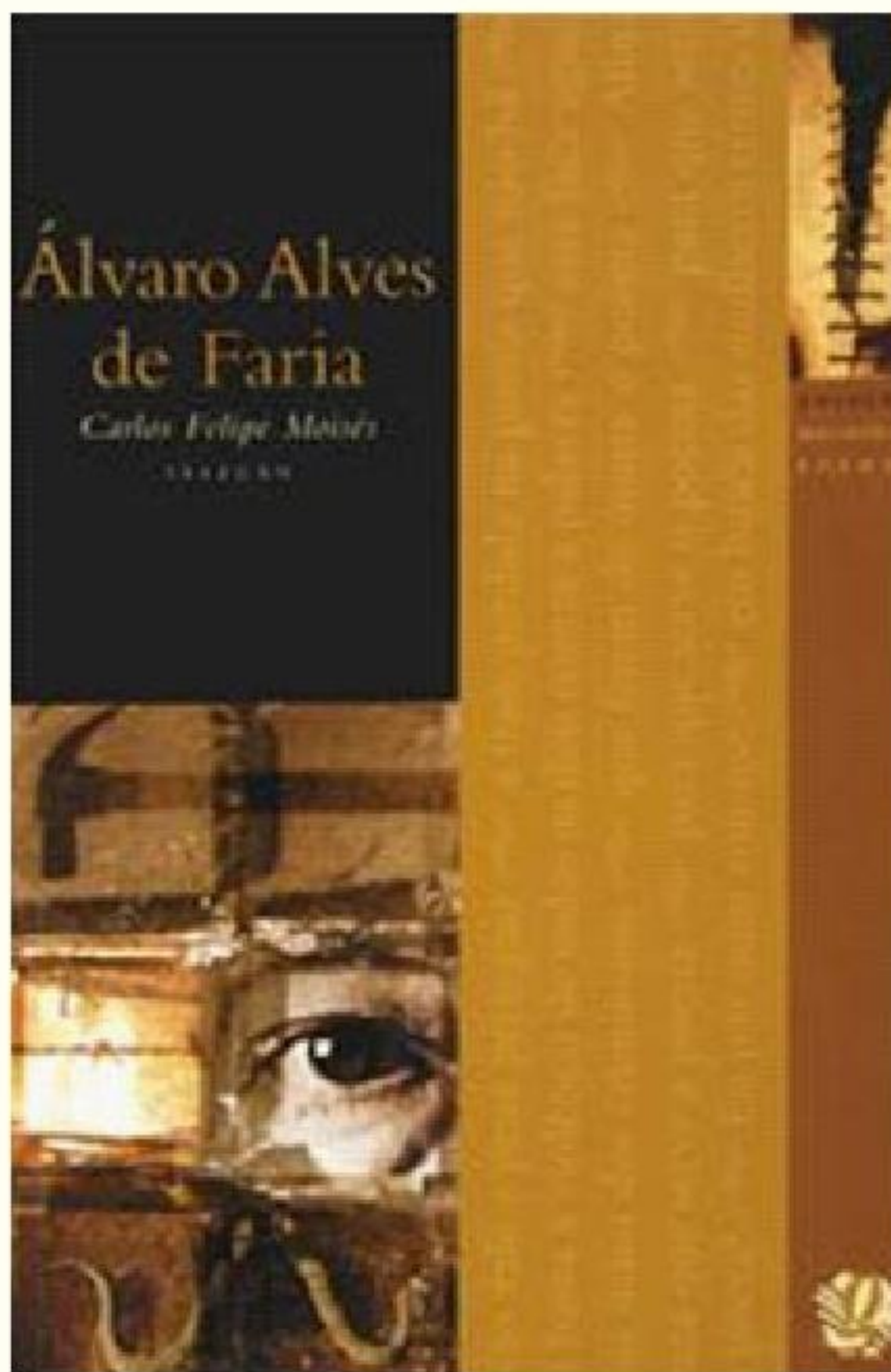
Terceiro e último dia: Tudo aparentava que Parmênides, após a humilhação do dia anterior, tinha ido embora de Éfeso. Então Heráclito seguiu sua rotina de ir ao rio molhar os pés e brincar com as crianças. Contudo, já próximo ao rio, Heráclito pisou em uma pedra e ela afundou. Era um buraco feito pelos escravos de Parmênides. E o pior: estava cheio de esterco

de vaca. Parmênides apareceu sorrindo na parte de cima do buraco e jogou uma corda. Com a habitual calma, Heráclito subiu e recebeu as zombarias de Parmênides: “veja bem, meu argumento está certo: há uma essência e uma aparência, você está sujo de merda, resta escolher se isso é sua essência ou aparência”

É deveras intrigante imaginar que toda uma disputa filosófica acerca de uma ética de transformação e outra de imanência, que dividiu e ainda divide o pensamento humano, poder ter sido travada em torno de excrementos de animais. Sujo de bosta, Heráclito ignorou as risadas de Parmênides e seguiu rumo ao rio. Chegando lá colocou os pés na água e foi mais fundo, e deixou a correnteza bater sob seu corpo, levando os pedaços e porções de merda que estavam no seu corpo. Em seguida, mergulhou a cabeça. Esse “desbatismo” fecal de Heráclito foi o sinal da derrota de Parmênides. A sensação de que tinha perdido aumentou ainda mais quando crianças que estavam perto do rio se aproximaram e fizeram uma espécie de círculo e dançavam em torno do filósofo da “essência”. As crianças cantarolavam dizendo que “tudo flui e tudo se transforma”. Enquanto isso, Heráclito percebeu que já estava fazendo um Sol alaranjado do fim da tarde. No reflexo das águas do rio, enxergou a real beleza no fato de tudo ser transitório. Heráclito sentiu algo que até então era indescritível e inexplicável – e continuou sendo por milênios até o século XX, quando o escritor Marcel Proust descreveu a sensação de nostalgia e infinitude sentida por um personagem dos seus livros ao comer um bolinho e tomar um gole de chá. Após limpar toda aquela merda, Heráclito mergulhou novamente no rio e dessa vez não foi mais visto. Não se sabe se ele tentou nadar ou se deixou-se levar pela correnteza.

FARIA, Álvaro Alves de. *Melhores poemas de Álvaro Alves de Faria*.
São Paulo: Global, 2008.

Por Ronaldo Cagiano



A POÉTICA DO DESASSOSSEGO E DA INSUBMISSÃO

Desde sua estréia, com *Noturno maior* (1963), até os mais recentes *A memória do pai* (2006) e *Babel* (2007), há mais de quatro décadas, a voz de Álvaro Alves de Faria vem construindo uma obra catártica, movida pela paixão literária e por um profundo sentimento de responsabilidade estética.

Não só por meio de sua poesia densa, pungente e cirúrgica, mas também por uma prosa sutil e reflexiva, tanto na crônica, quanto na ficção e no texto teatral, Álvaro vem arregimentando sua pulsão criativa para estabelecer um sério diálogo com a nossa própria condição existencial, ao mesmo tempo em que estende uma ponte dialética entre os gritos e o silêncio de uma sociedade que vive seus antagonismos e experimenta um veloz e avassalador escalonamento de valores, costumes e referenciais.

Ao coligir, com a organização e estudo crítico de Carlos Felipe Moisés, os melhores momentos de sua produção poética, a Global Editora oferece ao leitor um panorama distinto, e ao mesmo tempo revelador, de uma arte comprometida com a compreensão da vida, no que ela comporta de lírica, épica ou dramática. Essa reunião de seus melhores poemas, possibilita um contato com a visão crítica e reflexiva desse escritor antenado e multifacético, que não se constringe em sofrer (e até morrer) pela arte literária, porque não concebe viver sem o pulmão e o farol das palavras.

Diante da grandeza de sua bibliografia, é impossível esgotar qualquer análise crítica em torno de sua obra. No entanto, o primoroso ensaio do organizador, que abre a “Coleção Melhores Poemas”, faz um mergulho nos temas recorrentes na obra alvariana, refletindo sobre cada um de seus livros e ressaltando todas as nuances de seu processo de construção, que é também tributário de uma energia vital, que brota de sua íntima oficina de inquietações

Em Álvaro Alves de Faria a escrita vigorosa e contundente não doura a pílula, embora seja capaz de harmonizar a severa denúncia da realidade sem cair nas tentações panfletárias ou ideológicas; como também de decantar o lirismo que há nos amores e nas paixões, sem desviar-se para a pieguice ou o sentimentalismo. Há um trânsito filosófico e onírico ao passar em revista às razões do coração, aos silêncios que muitas vezes dizem mais que as experiências visíveis e flagram o que há de metafísico e mítico na própria vida.

A escritura de Álvaro corrobora aquela perspectiva de que nos falava o saudoso poeta catarinense Lindolf Bell sobre a função provocadora da poesia: “O lugar do poema/é onde possa inquietar”. Na década de 60, após a decretação dos anos de chumbo pela ditadura militar, Faria saiu às ruas para romper amarras e desatar algemas com a única mas feroz arma de que dispunham os semeadores de utopia: a poesia. Para os espoliadores do estado democrático e de direito, a força da palavra acicatava mais que as bombas, porque seu poder fulminante, que reside na conscientização, incomodava e era preciso deter os que propugnavam pela liberdade de todas as formas de expressão e pensamento. Por isso, foi admoestado, proibido, enquadrado e detido, ao realizar solitariamente, munido de microfones e alto-falantes, nove recitais do “Sermão do Viaduto”, tendo sido preso cinco vezes pelo Dops. Sua guerrilha poética chamou a atenção não apenas pela ousadia estética, mas pela oportunidade de se utilizar a arte para combater o horror da censura e o tédio do moralismo estupidificante de uma parte da sociedade que assimilou cacoetes morais e repressivos do reacionarismo político, e, mais tarde, foi objeto de um estudo crítico publicado por Nelly Noaves Coelho, da USP.

Foi um momento epifânico na sua carreira, diria mesmo um divisor de águas. A partir desse episódio, lança-se a um combate sem tréguas, que não tinha apenas motivação política, mas uma atitude permanente de valorização do que é vivo e essencial na arte, sem fazer concessões ao mau gosto, aos modismos, às conveniências de qualquer natureza. Álvaro é um poeta que jamais perdeu sua coerência e vem pavimentando sua trajetória com esse mesmo espírito aguerrido que levava multidões ao viaduto do Chá. Jamais perdeu sua capacidade de

espanto e indignação diante das injustiças, sejam as políticas, sejam as perpetradas pelos guetos intelectuais e suas rotulações ruidosas efetichizantes, que muitas vezes embalam a consciência de certos artistas e os tornam incapazes de discernir o joio do trigo, em detrimento de uma literatura comprometida com a realidade sócio-cultural, com a linguagem, com o pensamento crítico, com os rumos da própria poesia e que responda às demandas e emergências que a própria arte contemporânea reclama.

Álvaro compreende, como Giorgio Agamben, a necessidade de se “reencontrar a unidade de sua palavra fraturada”, por isso sua poesia é um permanente exercício de resgate de uma arte tão mutilada pelas invencionices e contorcionismos, é uma tentativa exaustiva, porém fundamental, de recolher seus cacos, após décadas de diluição, falsas rupturas e vanguardices catequizantes, recolocando a palavra poética na ordem do dia, apesar do vazio, da superficialidade, da crise de criação ou quase indigência de que padece atualmente.

Não é sem tempo afirmar que sua poesia se perfila à dos grandes nomes de sua geração, além de manter uma fecunda interface com poetas universais de todos os continentes, com um viés ético-estético que o aproxima de Bandeira, Drummond, Baudelaire, Maiakovski, Lorca, Augusto dos Anjos, João Cabral, Pessoa, Sá-Carneiro, Rimbaud, Verlaine, Jorge de Lima, dentre outros e que a cada novo livro ganha mais força e atualidade. E essa vitalidade resulta da sua insubmissão aos cânones e de sua fidelidade aos princípios que sempre nortearam sua criação. Vem do sopro humanista, da dimensão social, da contundência de um olhar ao mesmo tempo cáustico mas esperançoso, do rigor técnico, do acento lírico. E também por exprimir os sentimentos conflagrados em nossos territórios íntimos, por denunciar o vazio, pela aguda identidade com a tragédia do existir, com uma fina sintonia entre o tradição e a modernidade, sem perder a lúcida perspectiva da poesia que, apesar de ser um movimento suscetível de metamorfoses, não deve negar seus vínculos com o passado.

Nos últimos anos, Faria vem publicando seus livros de poesia somente em Portugal. Essa mudança de rumos reflete não apenas uma atitude pessoal de volta às raízes familiares ou à compreensão da carga simbólica de sua ancestralidade lusitana, um influxo altamente proustiano de retomar o tempo perdido; mas, por outro lado, extravasa seu inconformismo diante da solene negligência dos editores, uma maneira também tão peculiar de fugir à insularidade ou à indiferença gritantes – e por que não dizer injusta e criminosa – com que o mercado editorial brasileiro vem tratando os nossos poetas, principalmente os de sua linhagem, cuja contribuição ao panorama da poesia contemporânea brasileira é indiscutível.

A poesia de Álvaro Alves de Faria, agora panoramizada na Coleção Melhores Poemas, sintetiza o pensamento de um autor que tem uma visão multidimensional da grandeza e das misérias humanas, o que a particulariza dentro do cenário da bibliografia brasileira.¹

RONALDO CAGIANO (SÃO PAULO-MINAS GERAIS) – Poeta e romancista. Autor de *Dicionário de pequenas solidões* (Contos, Ed. Língua Geral, Rio, 2006) e *O sol nas feridas* (Poesia, Ed. Dobra, SP, 2011).

PRADO, Antônio Arnoni (Org.). Lima Barreto: uma autobiografia literária.
São Paulo: Editora 34, 2012. 199 p.

Por Joachin de Melo Azevedo Neto



UMA IMAGEM DA HISTÓRIA INTELECTUAL DE LIMA BARRETO

Antônio Arnoni Prado nasceu em São Paulo, em 1943. Sua dissertação de mestrado em Letras, intitulada Lima Barreto: o crítico e a crise, foi orientada por Antônio Candido, na USP, e publicada pela Editora Cátedra em 1976. Em 1980, defendeu a tese de doutorado Lauréis insignes no roteiro de 22, também em Letras, na mesma instituição. Em 1983, esse trabalho foi publicado pela Editora Brasiliense com o título de 1922: itinerário de uma falsa vanguarda – os dissidentes, a Semana e o Integralismo. Desde 1979, é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Na Itália, em 1986, por meio da Fundação Feltrinelli, desenvolveu uma inovadora pesquisa de pós-doutorado sobre teatro e cultura anarquista no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX.

Arnoni Prado, em 1922: itinerário de uma falsa vanguarda, fez uma série de importantes contestações aos discursos que postulam que a Semana de Arte Moderna foi um marco divisor em termos de transgressão na história da arte brasileira. Segundo o autor, intelectuais como Ronald de Carvalho, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, que integraram as fileiras desse movimento, foram entusiastas do integralismo e verde-amarelismo: a versão tupiniquim do fascismo. Portanto, impossível a Semana de Arte Moderna ter sido um movimento vanguardista se abrigou, de modo tão confortável, escritores conservadores e silenciou os que possuíam afinidades com correntes próximas ao ideário anarquista.

A obra *Lima Barreto: uma autobiografia literária* foi organizada por Prado a partir de uma série de bricolagens entre a ficção, as memórias, cartas, depoimentos de amigos e as crônicas desse literato carioca. O intuito do organizador dessa obra foi construir um mosaico de fragmentos nos quais o próprio Lima Barreto (1881-1922) comunica ao leitor suas angústias, mágoas, ambições e processo de maturação intelectual. Desse modo, ao final do livro, associando esses dizeres com outros trechos de escritores como José Lins do Rego e Sérgio Buarque de Holanda, por exemplo, sobre esse romancista, o público tem em mãos uma imagem inédita não apenas dos dramas, mas, sobretudo, da sensibilidade humana e da coerência intelectual de Lima Barreto.

Dividida em nove capítulos, nomeados “Autorretrato”, “O narrador”, “Persona e personagens”, “Crítica e comentário”, “Sobre arte e literatura”, “De fora do panteão”, “Alma libertária”, “Morte e penitência” e “Outros retratos”, essa autobiografia não transforma os escritos de Lima Barreto em meros reflexos de uma teoria já estabelecida sobre estética e literatura. O próprio pensamento barretiano fundamenta a organização de um livro desse porte, como se pode perceber nesse trecho, coligido na crônica “Dois meninos”, de 1920,

Desautorizadamente, julgo eu que nenhuma história da nossa literatura poderá se aproximar da perfeição, enquanto não houver de sobra esses estudos parciais de seus autores. Se não estou de todo esquecido, penso que isso já foi dito não sei por quem.

Pesquisas sobre as suas vidas, os desgostos, suas amizades, seus amores, seus estudos, sua correspondência, tudo isso pode esclarecer o pensamento e a tenção de suas obras, não se concebe possa ser feito por um só autor; e, tendo de julgá-las numa única obra geral, um único erudito, por mais ativo e diligente que seja, há de por força falhar e ser incompleto, se não tiver à mão esses estudos e outras achegas.

Fortemente influenciado pelas ideias do historiador inglês Thomas Carlyle (1795-1881), sobre o conceito de herói intelectual e pela assertiva de que a literatura cobra um alto tributo aos seus adeptos, bem como pelo vulto de escritor engajado projetado, no começo do século XX, pelo parisiense Anatole France (1844-1924), Lima Barreto nos coloca diante de afirmações lúcidas e honestas quando remete ao ofício de homem de letras. Destaco, entre tantas, a seguinte: “a Arte e a Literatura são coisas sérias, pelas quais podemos enlouquecer – não há dúvida; mas, em primeiro lugar, precisamos fazê-la com todo ardor e sinceridade. Não é o

canto da araponga que parece malhar ferro, mas nem sabe o que é bigorna” . Nessa passagem retirada do artigo “Estética do ferro”, não datado e publicado, pela primeira vez, em 1956, nas Impressões de leitura, se pode encontrar a diretriz ética que permeia todo o artesanato literário de Afonso Henriques. O escritor carioca quis dizer, sendo aqui mais explícito, que a literatura não é um mero passatempo para entreter a alta sociedade. E considero uma pena que a literatura brasileira contemporânea há muito já perdeu a simplicidade que permeia essa ingenuidade agressiva.

Em “Alma libertária”, evoco aqui a fala do personagem Gonzaga de Sá, um distinto e solitário funcionário público, que devotou sua vida aos livros e ao trabalho maçante em uma repartição pública, para que, por meio dela, o perfil político de Lima Barreto possa ser ligeiramente delineado. Em Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá pode-se ler o seguinte trecho: “se eu pudesse, se me fosse dado ter o dom completo de escritor, eu havia de ser assim um Rousseau, ao meu jeito, pregando à massa um ideal de vigor, de violência, de força, de coragem calculada, que lhe corrigisse a bondade e a doçura deprimente” . A tríade liberdade, igualdade e fraternidade, que margeou a Revolução Francesa, entusiasmava profundamente esse literato dos subúrbios cariocas, das casas de garapa e botequins do Rio. Testemunhar que esses doces ideais naufragaram no mar de corrupção, preconceitos e truculência no qual as repúblicas ocidentais velejavam e velejam foi uma das razões que motivaram o seu desencanto e a sua retórica corrosiva.

Longe de pretender fazer uma análise linear dessa obra ou de oferecer uma leitura pronta e acabada da obra aqui resenhada, sugiro que o próprio leitor se aventure nas páginas desse belo livro organizado por Antônio Arnoni Prado. Que esse contato sirva para que mais brasileiros descubram a riqueza humana que habita a produção desse escritor carioca e passem a buscar, por conta própria, mais detalhes sobre sua complexa obra. Sem dúvidas, é essa a proposta que margeia toda a construção dessa preciosa autobiografia recortada e montada com maestria e originalidade.

AGOSTO

Por Ana Maria Vasconcelos

*nunca cometo o mesmo erro
duas vezes
já cometo duas três
quatro cinco seis
até esse erro aprender
que só o erro tem vez
Leminski*

Ele coloca um vocativo bem genérico na mensagem curta. Um aviso carinhoso de que eu sou como qualquer outra. Quase um favor – “Vou sim, meu bem” –, explicando pacientemente a minha insignificância: um passo entre passos. E eu continuo esperando, é claro. Porque eu não ligo a mínima. Peço logo a cerveja, vejo um casal brigando e acho graça (por que as pessoas se casam?), leio metade de um livro do Leminski, marco o que tenho de marcar (“ela é tudo o que me sobra / sofrer vai ser a minha última obra”), ponho o casaco, para de chover, eu tiro, ele enfim aparece.

A Torre.

Implodindo meus horizontes: bombardeios mudos: cidades em pó: da nuvem caótica: ele: desesperador: impublicável: de preto, de botão: o corredor escuro da memória em riste: caminho pervertido: estrada vertical.

Ele enfim chega, ainda trazendo chuva no cabelo. Eu, atriz da novela das nove: “Opa, nem te vi! (um beijo, outro beijo) E aí? (abraço rápido) É o La vieen close, sim. (entrego o livro)”. Atriz, atriz. “Claro, leva, depois cê me devolve”. Os meus olhos ardendo, queimando, pertos demais do passado. Fixos nos botões em abismo da camisa irrespirável. Os meus olhos, duas mãos em brasa cravadas na borda do precipício, percorrendo cada ano costurado no tecido das escolhas e desabrigado na casa da saudade.

Ele abre duas delas. Sufoco. Sobrevivo.

“Como estão as coisas?”, ele solta. “As coisas”, eu penso, limpando a poeira das palavras, “não estão”. Mas respondo na mesma sujeira automática: “Tudo certo”. E visto a minha voz mais sem violência – como que pedindo, já numa provocação submissa, a antiga violência dele. Embaixo da razoabilidade inespecífica das conversas os meus olhos suplicam com duas setas grossas: “Me mostra novamente os teus imperativos brutos”. Os meus olhos imploram, alargando-se, úmidos, entregues, mas ainda em silêncio, e eu na verdade ainda lá, no bar, as pernas cruzadas de frio e de remorso antecipado. “Me machuca de novo, fundo, mais”, os meus olhos dizem desabridamente. Mas não os lábios: pedir é entre iguais, e eu quero a grande queda: estar por baixo, as mãos torcidas nas costas, a nuca imobilizada, e mais, e mais. Não suportar. E

sussurrar: "para, para, por favor". E suportar menos ainda. E gritar vários nãoos! apertados entre dentes e dedos. Sem concessões.

Eu sigo na mudez disfarçada das conversas, a claridade das coisas ainda por baixo do colchão das palavras. Mas eu já sei e ele já sabe. Daí mais duas cervejas ele coloca um beijo na palma das minhas mãos e me manda guardar. Ainda me tratando como a mesma menina, me chamando de burra, sabendo os meus buracos. Eu sinto raiva, mas de fato guardo. Encaro o mar noturno daqueles olhos e digo que quero guardar mais. Ele entra no jogo. É claro: para ele é indolor. Eu finjo que para mim também é. Porque eu não ligo a mínima.

A noite é rápida e fatal. Um lince caçando um coelho no escuro. Na pequena morte, o lince sou eu. Amarrada, subjugada – o lince sou eu. É minha a boca faminta mordendo as tripas do equívoco – a presa escolhida. Ainda suja do sangue dos erros, ouço dois tapas nas coxas e o tiro prometido: "Bem, hora de ir". (Sem aqueles vocativos, não me venha com aqueles vocativos). "Hora de partir, Marília". (Ah, sim: ele me concede ainda uma última piedade: me individualiza: me dá existência). "Espera. Escreve em mim", eu peço. Ele assina em plurais, pétalas de dor na minha pele inteira. Eu, um buquê de chagas. Aperto os pés dele demorando a despedida, a grande morte. Mas a dança já acabou. Me visto e saio enquanto ele não vê. Porque ele não liga a mínima. Deixo o livro do Leminski com uma dedicatória ilícita e toda a pedagogia do erro grifada. Uma desculpa para voltar ali. ("– que tudo se foda,) Uma desculpa para me machucar. (disse ela,) De novo. (e se fodeu toda")

DE WELLINGTON PEREIRA

SUAVE É A TUA PELE

Suave é a tua pele
Tessitura do trigo bíblico
Morena como os lírios
Incandescentes de Salomão
Teus lábios linhas d'água
Entre os rios Tigres e Eufrates
Dos olhos aos seios
Segredos do Monte Sinai
Suave é a tua pele...

SEVERINA VIDA-POEMA

A palavra nua Salta do palato
Escorrega Na fuligem dos engenhos
Galo canta Cão- sem- plumas ladra
Severina A vida passa.

RETRATO

A vida porta sem tramela
homens estendidos no varal
Deus joga dados no quintal.

GUERRA

1492 Soldados escutam a fúria do Rubicão.
Agosto de 42 aviões riscam os céus
Danúbio sangrento Mares inflamáveis
A surdez do meu avô Estopim da guerra.



Estou levando a “sombra” para passear na coleira

Por Will Simões

Estou levando a “sombra” para passear na coleira. Foi com esta frase que uma amiga certa vez me definiu seu processo criativo, pelo qual desenha seres de aspecto estranho, grotesco, segundo ela, “demoníacos”, apenas por não encontrar outro termo para estranheza dos seus rabiscos. E também de como lidava ela mesma com aquele seu (e nosso) lado ou quarto “secreto” onde trancafiados sob a égide da vida em comum, toda sorte de tralhas e mazelas deletérias de nossa psique, física, espiritual ou instintiva, somente para algumas definições deste calabouço recôndito, mas para caixa de pandora do que para umbral. A interpretação do que venha a ser, ou o que sejam os “demônios”, perpassa discussões sem fim ao longo da humanidade desde que somos o que somos, indo da etimologia, passando pelo breu da história, das discussões de cunho espiritual, metafísico e filosófico, chegando aos debates recentes ciência, através da interlocução da psicologia e a da psiquiatria, mas sempre cercado de todos os mesmo mitos, arquétipos, falácias, e por que não dizer, uma certa aura de mistério, ampliada pelas páginas dos grimórios medievais e suas imagens de cenas belamente terríveis, retratando mortais reles ou não tão reles, em “pactos” carnisais ou comerciais com estas criaturas hábeis negociadoras, e por que não dizer ou falar das histórias afixadas no imaginário ocidental cristão, cujo o Rei Salomão, se sabe, era um exímio domador destas “feras”. Segundo algumas culturas outras da humanidade, vivas ou mortas, variam os nomes, chamados, origens, descrições e até atributos, enfim,



Ensaio para a viagem a Marte

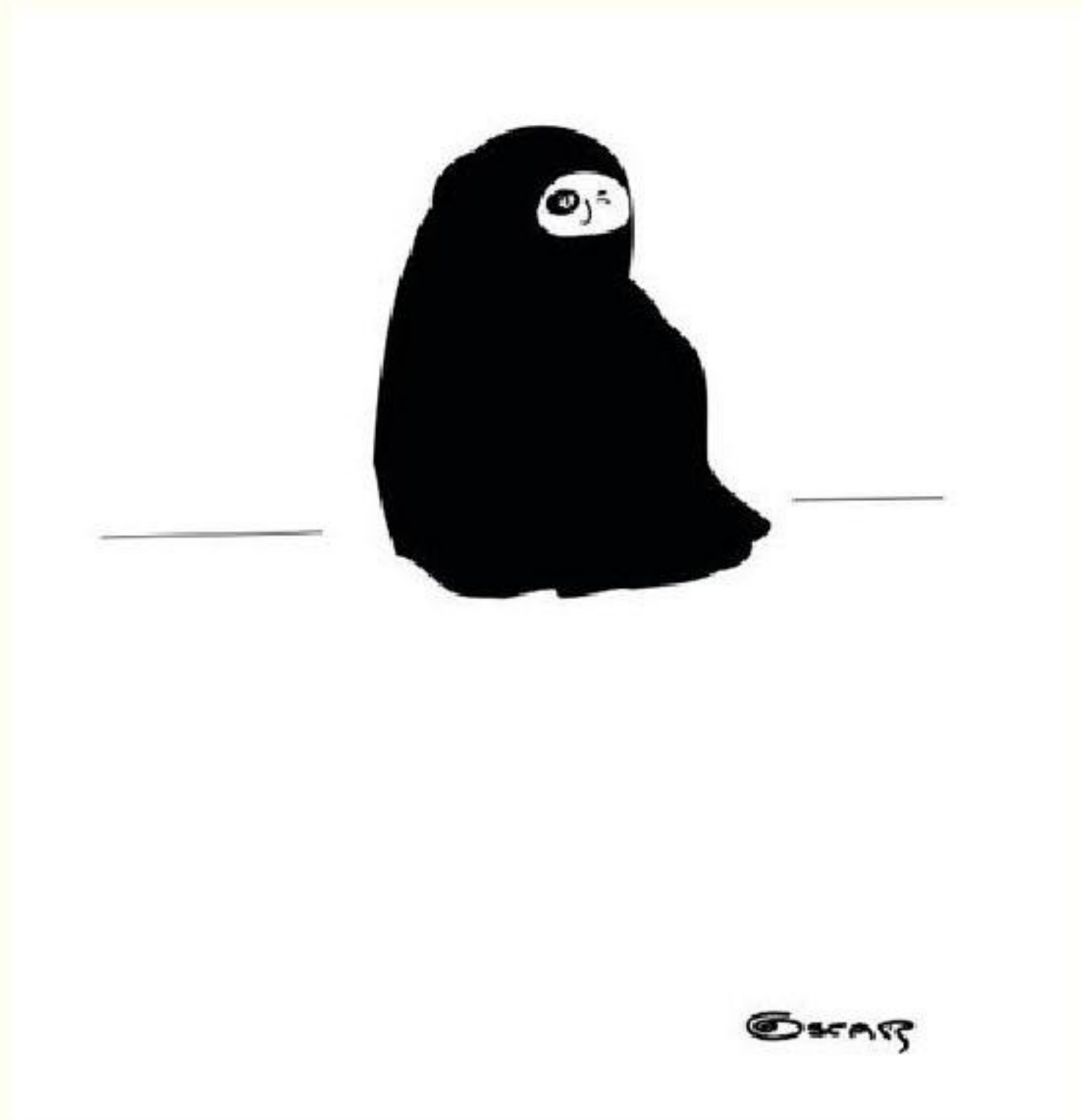


estes ditos “seres”, assustam e encantam a humanidade desde sua origem, talvez até antes, considerando que seu mais famoso “representante” ocidental, Lúcifer, teria contrariado o “chefe” por motivos até hoje obscuros, e que por isso caiu não apenas em desgraça, mas também sobre a terra, rancor que guarda até hoje, dizem.

Para terminar, aqui nos cabe a frase prolífica em debates do filósofo Sartre (1905-1980), quando nos diz nas chamadas do existencialismo, que “o inferno são outros”, e me pergunto: Quem sabe ele está certo, afinal, quantos “outros” nos habita ?.

Ah, minha tela? Bem, só estou levando minha “sombra” para passear, mas, na coleira da Arte que eu acho mais seguro.

Will Simões é Artista Visual autoral, autodidata, Servidor Público, Especialista em Política e Gestão Pública e assiste o “Exorcista” sempre que está estressado.



Cartum PREMIADO com 1o Lugar no XIX Salão Internacional de Desenho para Imprensa - Exposição de 24 de Março a 8 de Maio de 2011 na Usina Gasômetro - Porto Alegre – RS – Brasil - Título: "A Burka no Brasil" de Will Simões (Oscar)

NÚCLEO
LITERÁRIO



Novo
site da →



Blecaute!

Uma Revista de Literatura e Artes

www.revistablecaute.com.br

Como publicar

Os autores que se interessarem em divulgar suas produções na Blecaute devem enviá-las para o e-mail:

revistablecaute@gmail.com

Os arquivos devem ser compatíveis com o editor de texto Microsoft Office Word (2003 ou superior), Fonte Times New Roman, Tamanho 12, Espaçamento 1.5, Tamanho de página normal e se enquadrar nas seguintes categorias:

Poemas: devem ser enviados entre quatro e cinco poemas, com até cinco páginas no total;

Conto: poderá ser enviado apenas um conto, com até cinco páginas;

Ensaio/Artigos: poderá ser enviado um ensaio ou artigo acadêmico sobre temas ligados à literatura, cultura e/ou demais artes, incluindo cinema, música, artes visuais e artes cênicas – sugerimos o máximo de dez páginas;

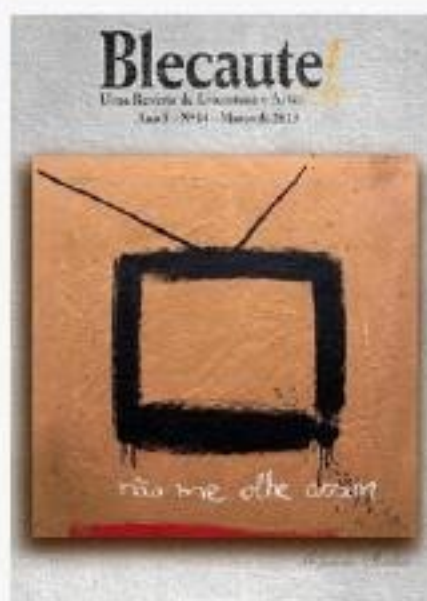
Resenhas: poderão ser enviadas duas resenhas, com até três páginas, acrescida da referência bibliográfica do livro (a ser utilizada como título) e uma imagem, em boa resolução, da capa do livro resenhado.

Observação

Todos os textos devem ser acrescidos de um pequeno perfil dos colaboradores, contando com as seguintes informações: nome, local de nascimento, local onde reside atualmente, livro(s) publicado(s), blog(s) e/ou site(s) que edita, entre outros.



ISSUU™
You Publish!



REVISTA BLECAUTE N
14



REVISTA BLECAUTE N
13



REVISTA BLECAUTE N
12



REVISTA BLECAUTE N
11